

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

***WENI, O VELHO: O PROBLEMA DE UMA (AUTO)BIOGRAFIA EGÍPCIA
NO REINO ANTIGO TARDIO***

WELLINGTON RAFAEL BALÉM

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2017

WELLINGTON RAFAEL BALÉM

***WENI, O VELHO: O PROBLEMA DE UMA (AUTO)BIOGRAFIA EGÍPCIA
NO REINO ANTIGO TARDIO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Cultura e Representações

Orientadora: Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2017

WELLINGTON RAFAEL BALÉM

***WENI, O VELHO: O PROBLEMA DE UMA (AUTO)BIOGRAFIA EGÍPCIA
NO REINO ANTIGO TARDIO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer

Aprovado em 08 de agosto de 2017.

Profa. Dra. Maria Helena Trindade Lopes
PPG/Universidade Nova de Lisboa

Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos
PPGH/Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó
PPGH/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer (Orientadora)
PPGH/IA/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE, AGOSTO DE 2017

CIP - Catalogação na Publicação

Balém, Wellington Rafael

Weni, o Velho: o problema de uma (auto)biografia egípcia no Reino Antigo Tardio / Wellington Rafael Balém. -- 2017.

93 f.

Orientadora: Katia Matia Paim Pozzer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Egíptologia. 2. Biografia. 3. Metodologia da História. I. Pozzer, Katia Matia Paim, orient. II. Título.

*À quem, mesmo diante das dificuldades,
permite-se aprender e a expandir a consciência.*

AGRADECIMENTOS

Para poder finalizar este trabalho tivemos que tomar a dura decisão de que estava na hora de pôr um ponto final. É um sentimento ambíguo e, por vezes, contraditório. A dissertação não é o que deveria ter sido. Poderia ter ido muito mais longe. Mas, no final deste trajeto de pesquisa, ficou bem claro que o desenvolver de um projeto de mestrado está muito além do controle ou dos ideais iniciais de um pesquisador, especialmente quando ele é iniciante. Muito claro também ficou que as condições em que uma pós-graduação é realizada tem um papel potencialmente determinante na qualidade final da dissertação. Assim, este trabalho deve ser lido como aquilo que foi possível fazer diante das condições materiais e espirituais com as quais teve que lidar. Mas teria sido muito pior se eu estivesse sozinho.

Por isso, agradeço especialmente à minha orientadora poderosíssima e chiquérrima como Ishtar, Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer, por muitos motivos. Sou grato pelo acolhimento, pelas incessantes palavras de incentivo, pelos ensinamentos, pela orientação e pela amizade. A disciplina sobre História da Mesopotâmia foi uma experiência transcendental em termos acadêmicos e pessoais. Desse curso, agradeço também a amizade e as contribuições das colegas e amigas Dra. Estefanía Bernabé Sánchez e Me. Marina Pereira Outeiro pelas conversas, apoio, incentivo e trocas acadêmicas.

Agradeço à Profa. Dra. Maria Helena Trindade Lopes, da Universidade Nova de Lisboa, pelas referências, dicas e pelas trocas de e-mails. Da mesma universidade agradeço ao Me. Marcus Carvalho por disponibilizar muito material digitalizado e pelas conversas sobre egiptologia e sobre o mundo.

Agradeço à Janet Richards, PhD, da Universidade de Michigan, Estados Unidos, por ter gentilmente disponibilizado importante material bibliográfico e documental sem os quais esta pesquisa não poderia ter sido feita. Igualmente agradeço a Christopher Eyre, DPhil, da Universidade de Liverpool, Inglaterra, por disponibilizar seu ensaio sobre Weni, referência na área, o que permitiu pensar e repensar o objeto desta pesquisa.

Agradeço também ao Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt, que foi o coordenador do PPGH na maior parte da minha estadia na UFRGS, pela gentil recepção e orientação de um aluno *outsider* e ligeiramente confuso no início do mestrado. Agradeço também pela compreensão e por ter viabilizado as mudanças realizadas ao longo do curso em um momento crítico da minha vida.

Agradeço à Profa. Dra. Regina Weber que foi minha orientadora no primeiro ano do curso. Pessoa firme, correta, sensível e acolhedora. Agradeço não só pelos aprendizados

naquele momento da pesquisa e na disciplina de Cultura e Representações, mas sobretudo pela compreensão diante de um momento particularmente difícil da minha vida pessoal e acadêmica e por ter viabilizado a minha passagem para a orientação da Katia. A ti, Profa. Regina, minha admiração e carinho.

Agradeço também ao Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó. Primeiro pela incrível disciplina sobre História Social da Política e História do Tempo Presente e sobre os estudos de trajetória que tiveram um impacto importante para nossa pesquisa. Agradeço também pelas fundamentais críticas durante a qualificação que contribuíram grandemente para o desenrolar da dissertação, pelas críticas e sugestões no momento da defesa.

À Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos, agradeço pelas trocas de e-mails desde a graduação e pelas contribuições durante a qualificação. A experiência e a sensibilidade dela, além de serem inspiradoras, ajudaram decisivamente este trabalho a encontrar um caminho por um solo mais firme. Agradeço-a também pelas críticas e sugestões na banca de defesa.

Agradeço também aos demais professores e professoras da Pós-Graduação, com os quais tive a oportunidade de estudar. Profa. Dra. Sílvia Ferraz Petersen, à Profa. Dra. Sílvia Moeleck Copé e ao Prof. Dr. Rodrigo Stumpf González, do PPG Ciência Política, por proporcionarem um imenso aprendizado.

Agradeço também às pessoas que, em momentos em que tudo parecia estar perdido, estavam lá para uma palavra de acolhimento, carinho e amorosidade: Vanessa, Jônia, Anamaria, Romeu, Roberto, Glaci, Jonathan, Débora, Kaiene, Sandra.

Agradeço a Elis Regina Teixeira Vivian, Cleide Borges, Marcelo Pozzer pela amizade que iniciou nas aulas da graduação e que sobreviveu a ela. Aos colegas de trabalho da UCS, especialmente o pessoal do IMHC, Cristiane Damo, Anglela Bertuol, Anthony Tessari, Laura Perin e Aldo Toniazzo pelo imenso aprendizado.

Agradeço aos meus professores e professoras da graduação na Universidade de Caxias do Sul: José Alberione dos Reis, Artur Henrique Franco Barcelos, Maria Beatriz Pinheiro Machado, Eliane Machado Correa Cardoso, Natália Pietra Méndez, Eliana Rela, Eliana Xerri, Roberto Radünz, Luiza Horn Iotti, Katani Monteiro, Grasiela Tebaldi Toledo, Ramon Tisott, Everaldo Cescon, Paulo Cesar Nodari, Gelson Rech, além dos professores da formação em licenciatura, pela formação acadêmica de qualidade. Devo um agradecimento especial à Profa. Dra. Cristine Fortes Lia, não só pela amizade e pelo aprendizado, mas também pelas muitas oportunidades que viabilizou e pelos incentivos para estudar História Antiga, em especial a Egiptologia. Estarão sempre comigo!

Os agradecimento vão ainda mais longe no tempo: à profa. Rosa Ângela Gobatto Giovanella, que lá no ensino fundamental transformou-se em uma inspiração, mas também em uma grande incentivadora do aprendizado de História; à professora Rosane Ferronato, que me deixava dar umas escapadinhas das aulas de futebol para ir à biblioteca ler verbetes sobre o Egito Antigo na Barsa e na Mirador.

Agradeço à CAPES pela bolsa de estudos, sem a qual parte deste trabalho não poderia ter sido desenvolvida.

Poderia citar ainda muitas pessoas, mas termino agradecendo minha família. Minha avó, Cida, grande entusiasta da História e alguém que tem muitas histórias para contar. Ao meu pai Albino e à minha mãe Eli pelo apoio incessante, mesmo que não saibam exatamente o que eu estou fazendo. À minha irmã Simone pela amizade, pelo apoio e pela presença.

Wellington Rafael Balém

Porto Alegre, julho de 2017

*Se eu disser
Que foi por amor
Não vou mentir pra mim
Se eu disser
- “deixa pra depois”
Não foi sempre assim
Tentei dizer,
Mas vi você
Tão longe de chegar
Mas perto de algum lugar.*

Catedral, Tanita Tikaram/Zélia Duncan

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de compreender os aspectos sociais, culturais e políticos que envolvem a existência de um funcionário de alta hierarquia, a saber, Weni, bem como a produção social de sua autobiografia no Reino Antigo Tardio. Para isso, dividimos o percurso da pesquisa em três momentos. No primeiro fazemos uma apresentação do contexto históricos, com ênfase nos processos ligados à administração e às práticas religiosas e funerárias. Em seguida, partimos para a análise dos aspectos formais e simbólicos da autobiografia do sujeito estudado, além dos acontecimentos narrados no documento. Por fim, propomos uma interpretação da trajetória de Weni que supere os problemas da sua análise puramente textual a partir da visualidade e da materialidade da autobiografia.

Palavras-chave: Egíptologia; Biografia; Metodologia da História

ABSTRACT

This work aims to understand the social, cultural and political aspects that involve the existence of a senior official, namely Weni the Elder, as well as the social production of this autobiography in the Late Old Kingdom. For this, we divide this work in three moments. In the first one, we present a historical context, with emphasis on processes related to the administration and religious and funeral practices. We then proceed to analyze the formal and symbolical of the subject studied's autobiography, as well as events narrated in the document. Finally, we propose an interpretation of the Weni's trajectory that overcomes the problems of his purely textual analysis from the visuality and materiality of the autobiography.

Keywords: Egyptology; Biography; Methodology of History

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estátua de calcário de Weni como um menino	48
Figura 2 – Fragmento de Relevo de Weni	49
Figura 3 – Mapa com a localização do <i>Middle Cemetery</i> e o Templo de Osiris	53
Figura 4 – Proposta de reconstituição da capela da mastaba de Weni	60
Figura 5 – Reconstituição da tumba	61
Figura 6 – Câmara funerária subterrânea	61
Figura 7 – <i>Middle Cemetery</i> com a mastaba de Weni e os arredores	71
Figura 8 – Obeliscos originalmente na tumba de Weni	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO UM – <i>PARA COMPREENDER WENI: CONTEXTO, ADMINISTRAÇÃO E RELIGIÃO</i>	24
1.1 O Reino Antigo e seu final em contexto	25
1.2 A monumentalização e a centralização do poder	30
1.3 A ascensão do culto solar	32
1.4 Colapso do Reino Antigo?	37
CAPÍTULO DOIS – <i>WENI E SUA (AUTO)BIOGRAFIA</i>	46
2.1 Weni e sua (auto)biografia: uma apresentação	47
2.2 Autobiografias funerárias egípcias	54
CAPÍTULO TRÊS – <i>MATERIALIDADE E VISUALIDADE</i>	59
3.1 A materialidade das autobiografias	62
3.1.1 Objeto e <i>habitus</i>	64
3.1.2 Aspecto relacional	65
3.1.3 Biografia do objeto	68
3.1.4 A biografia: do museu para a internet	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84
ANEXO	88

INTRODUÇÃO

Não eram somente tempos difíceis, mas também perigosos. Há de se perguntar se a notícia de uma conspiração no Harém Real para assassinar o rei do Alto e do Baixo Egito, Pepi I Meryra, o atingiu de surpresa ou não. Afinal, se havia pessoas do seu círculo íntimo nas quais não poderia confiar, havia também Weni, que parece ter sido um poço de lealdade a todos os reis a quem serviu. Naquela ocasião, Sua Majestade delegou a ele e ao Vizir a responsabilidade de saber dos assuntos secretos, de investigar e de julgar a rainha Weretiamntes por conta do seu envolvimento ou até liderança do conluio.¹ Este é um dos primeiros episódios narrados pelo oficial conhecido como Weni, o Velho, em sua autobiografia proveniente de sua tumba em Abidos. Não só a trajetória deste sujeito, mas também a biografia de sua biografia nos servem de base para o problema dessa dissertação, a saber, como é possível pensar historicamente o que os egiptólogos chamam de “autobiografia funerária”, mais especificamente durante o Reino Antigo Tardio.

Não é incomum que quando se pense no Egito antigo, visualize-se o Egito dos Ramsés, do clero de Amon, da capital em Tebas, do Livro dos Mortos, etc. Também não é raro que a cultura desse mundo faraônico seja explicada de maneira generalista e desconsiderando sua historicidade. Dizemos isso porque o Egito do qual falamos aqui é outro. É um Egito em que o deus dinástico é Rá, a capital administrativa e religiosa é Mênfis e o soberano não é chamado de faraó (*per aa*, Casa Grande), mas pelo termo equivalente a rei (*nsw*). Sendo um pouco mais específico, mesmo quando se fala em Reino Antigo (o período que vai da III à VIII Dinastias, entre 2686 e 2160 AEC) o que se costuma ver é a época da construção das pirâmides de Giza pelos poderosos soberanos da IV Dinastia, em um contexto de grande centralismo político. Mas, por vezes, esquece-se de que é um período de quase 600 anos e que, como qualquer sociedade, o Egito passou por diversas transformações políticas, culturais e sociais. Com efeito, o Egito da VI Dinastia, época em que ocorre a experiência histórica que analisamos nesta dissertação, é

¹ STRUDWICK, Nigel. *Texts from Pyramid Age*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005. p.353. A partir de agora usamos a abreviatura TPA acrescido da página.

muito diferente daquele da IV Dinastia: as pirâmides de Giza e, talvez, parte do que elas significavam já eram antigas quando Weni as observava ao passar de barco em suas diversas viagens pelo Nilo.

O final do Reino Antigo, especialmente a partir de fins da V Dinastia (2494-2345 AEC) é um período de grandes tensões e transformações nas estruturas sociais. As elites das províncias, especialmente as meridionais, que tinham importância estratégica nas relações comerciais ou militares com sociedades subsaarianas, há gerações acumulavam poderes e privilégios vindos da Corte, o que desgastava a capacidade de centralização do poder a partir da capital, Mênfis. O colégio de sacerdotes de Rá também havia angariado grande poder no decorrer dos séculos e detinham forte influência nos processos de sucessão real. Na VI Dinastia (2345-2181 AEC), esse processo tornou-se mais agudo e é nesse contexto em que viveu Weni, um oficial de alta hierarquia que serviu na Corte e nas províncias durante décadas. Permaneceu no exercício do poder de suas funções, sobrevivendo mesmo à sucessão de vários reis e deixando a vida com o prestígio de uma bela tumba e inscrições biográficas enaltecendo-o e eternizando-o.

Weni descreve, ou manda que descrevam, de forma a narrar os grandes feitos de sua vida, suas melhores virtudes, suas expedições militares vitoriosas, as missões bem executadas, os favores que obteve do rei por ser muito próximo e muito querido pelo soberano, especialmente pelo rei Pepi I. Nas palavras do oficial, “eu estava enraizado em seu coração e seu coração estava repleto de mim.”² Como percebe-se logo, acontecimentos desastrosos, desventuras, os vícios, as derrotas militares, fracassos e os problemas que por (des)ventura tenha tido com o rei não são narrados. Não é preciso muito esforço para notar que é uma narrativa parcial, omissa e, por vezes, exagerada. Por o Reino Antigo se tratar de um período bastante recuado no tempo, as fontes epigráficas, arqueológicas ou mesmo escritas são escassas

² TPA, 353.

e lacunares, quando existem. O que se sabe sobre a administração do período, por exemplo, vem muito de conjecturas obtidas por analogia com épocas posteriores. No entanto, as autobiografias, em alguns casos, são as únicas fontes disponíveis sobre assuntos como as relações dos egípcios com outras sociedades africanas ou da Ásia Menor, sobre a administração, sobre a ação de sujeitos na administração e até mesmo sobre a relação entre individual e social.

Isso gerou na egiptologia um processo paradoxal. Embora critique-se muito a veracidade do relato dos sujeitos autobiografados, tal como Weni, eles são extensivamente citados pela egiptologia. Por se tratar de um texto bastante conhecido, pelo menos desde os anos de 1920, e por estar em diversas coletâneas daquilo que se convencionou chamar de literatura egípcia, o aspecto mais discutido sobre as autobiografias é justamente o textual. Isso é perceptível em trabalhos de referência, como o verbete “Weni” da *Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*, escrito por Gerald Kadish,³ e no verbete homônimo escrito por Michael Rice em *Who's who in Ancient Egypt*.⁴ Diante de uma fonte desta natureza, como é possível analisar historicamente, não só o trajeto de vida de um sujeito como Weni, mas também sua biografia como fonte histórica?

Assim, nessa dissertação temos o objetivo de compreender os aspectos sociais, culturais e políticos que envolvem a existência de alguém como Weni e a produção de uma autobiografia funerária no Reino Antigo Tardio. Para isso, o trabalho subdivide-se em três partes com objetivos específicos. O primeiro é compreender o contexto histórico do Reino Antigo, com especial ênfase no final do período. O segundo é analisar os aspectos formais, simbólicos e os acontecimentos narrados no documento, dando ênfase nos aspectos ligados à administração e à religião. O terceiro é propor uma interpretação trajetória de Weni que supere os problemas da sua análise puramente textual a partir da visualidade e da materialidade da autobiografia.

³ KADISH, 2001, p.496.

⁴ RICE, 2004.

Entender as nuances da elaboração da escrita de uma biografia ou mesmo de uma autobiografia é uma questão que nos parece bastante atual, diante do grande interesse que o biográfico tem despertado não só em historiadores, mas também na sociedade em geral. Se observarmos a trajetória dos estudos de biografia, percebemos que as referências a elas começam nos escritos gregos e latinos. As experiências biográficas do Levante, ou mesmo do Egito, quando citadas, o são de forma ilustrativa ou de maneira a oferecer uma alteridade ao paradigma plutarqueano.⁵ Essa interpretação não está incorreta pois, resguardando certas diferenças entre estamentos, o que os egípcios experimentaram quando experimentaram o que chamamos de “biográfico” é algo diferente. Logo, a dimensão relacional que ele estabelece com seu mundo também é algo ímpar. Daí a importância, mesmo tomando emprestado o termo grego, de compreender isso que os egiptólogos chamam de “autobiografias funerárias” egípcias.

A fonte principal deste trabalho é a autobiografia funerária de Weni. Trata-se de um texto descoberto na entrada de sua mastaba, localizada no *Middle Cemetery* em Abidos, no Egito Meridional. Ela foi registrada nos relatórios arqueológicos de Auguste Mariette sobre os sítios de Abidos e publicados em dois volumes entre 1869 e 1880. O egiptólogo alemão Kurt Sethe publicou uma transcrição das inscrições hieroglíficas no primeiro volume do *Urkunden Des Alten Reichs* em 1932. Esta publicação serve como base para diversas traduções feitas por egiptólogos contemporâneos. Existem pelo menos três traduções do texto original para o inglês de bastante qualidade, a saber, a presente no volume um de Mirian Lichteim,⁶ a da coletânea de William K. Simpson⁷ e a de Nigel Strudwick,⁸ que é a utilizada neste trabalho (ANEXO 1). Optamos pela última tradução por ela conservar o que poderia ser um formato em verso do texto e por nos parecer uma tradução mais literal e menos adaptada a linguagem moderna. No entanto mantemos por perto as duas outras traduções citadas anteriormente, especialmente por

⁵ SCHMIDT, 2012.

⁶ LICHTHEIM, 1973, p.18-23.

⁷ SIMPSON, 2003, p.402-407.

⁸ STRUDWICK, 2005, p.352-357.

motivos de comparações em determinados termos e, principalmente, pelos comentários dos tradutores. Os textos epigráficos originais foram recortados das paredes da tumba e encontram-se hoje expostos no Museu Egípcio do Cairo.

Mesmo sendo um texto bastante conhecido pela egiptologia, seu contexto material nos pareceu pouco explorado. Desde a sua descoberta no final do século XIX, a tumba só passou por um estudo arqueológico sistemático na década de 1990, sob a liderança da arqueóloga Janet Richards. Sendo assim, incorporamos como fontes a materialidade da autobiografia. Tais informações nos permitem analisar a produção da autobiografia e da tumba, devolvendo o texto ao seu lugar original e de onde não pode ser analisado separadamente. Buscamos informações arqueológicas nos relatórios de escavação de Richards, os quais foram cedidos gentilmente para esta pesquisa.

Embora este trabalho se dedique à biografia de Weni, não é nosso objetivo escrever a história de vida deste indivíduo. Primeiramente pelos motivos descritos acima. Depois porque tal indivíduo nunca existiu assim como podemos o perceber hoje. Schmidt explica que, embora a biografia tenha surgido como gênero quase paralelamente à História, a introdução do indivíduo é predominantemente uma criação da modernidade, oriundo das ideias burguesas ancoradas no Iluminismo.⁹ Como se não bastasse a complexa relação entre indivíduo e sociedade, ao tratar da vida de um sujeito na antiguidade egípcia essa questão ganha ainda mais complexidade devido à falta de fontes ou a existência de documentação fragmentária e lacunar. Assim, é oportuno apresentarmos a pergunta de Schmidt: “(...) que dimensões do passado são possíveis de conhecer pesquisando a trajetória de determinado personagem?”¹⁰ Diante das condições empíricas fragmentadas para responder essa questão, torna-se importante uma reflexão teórico-metodológica que nos dê subsídios para esta empreitada.

⁹ SCHMIDT, 2012, p.188-189.

¹⁰ SCHMIDT, 2012, p.195.

Um primeiro questionamento que nos surge, diante da antiguidade e dos sentidos de uma autobiografia egípcia, é verificar a fronteira entre o que é um relato verdadeiro e o que não é. A crítica literária argentina Beatriz Sarlo,¹¹ ao estudar narrativas autobiográficas de pessoas que sofreram com o terrorismo de Estado em regimes ditatoriais na América Latina e de sobreviventes do Holocausto, percebeu que esse tipo de texto possui uma retórica própria e que é tido como verdade *a priori*. A autora defende que a Verdade, em si, não existe e que, portanto, os relatos autobiográficos não correspondem necessariamente à verdade. Daí a necessidade de que essas fontes sejam analisadas sob um crivo crítico, com foco no conhecimento e não no relato por ele mesmo. Essa mesma orientação pode ser aplicada ao estudo das autobiografias funerárias. A vantagem é que a egiptologia já olha para elas com desconfiança. Mas não se pode deixar de considerar que os elementos factuais e textuais que elas trazem, embora fluidos, fazem referência a sujeitos, a tempos e espaços que podem ser acessado através delas, mediante apreciação crítica que recomenda Sarlo.

Embora as questões que nos levam a estudar o mundo antigo sejam questões do tempo presente, debruçar-se sobre a antiguidade, antes de tudo, exige um esforço para nos distanciarmos, tanto quanto for possível, das nossas concepções de mundo e juízos de valor para que não cometamos anacronismos ou façamos interpretações distorcidas. Entender o sistema político como uma área autônoma em relação a outras como religião, economia e cultura, por exemplo, não faz sentido na antiguidade egípcia. Para esta sociedade, as esferas da política, da economia, da religião e, mais tarde, das forças militares, não podem ser entendidas separadamente, pois são partes interdependentes de uma mesma esfera.

Tendo em mente a tipologia das nossas fontes, um primeiro recurso metodológico que será utilizado é o paradigma indiciário, como proposta por Carlo Ginzburg.¹² Inquirir as autobiografias em busca dos indícios nos permite observar os detalhes, os pormenores, aquilo

¹¹ SARLO, 2007.

¹² GINZBURG, 2003.

que não é visível a “olho nu”, para além das características mais formais e rituais e desvelar as relações sociais mais ou menos explícitas em cada documento ou no conjunto deles. O método indiciário é adequado para fontes únicas, embora traga consigo o dilema entre fazer generalizações a partir do individual ou fazer uma ciência do individual. Seguimos a orientação do autor, quando afirma que o individual, com o tempo, passa a ser complexo e os menores indícios de uma individualidade podem conter elementos que expliquem “fenômenos mais gerais, a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade.”¹³

Giovanni Levi,¹⁴ pensando nos usos da biografia, considera que é necessário atenção para evitar distorções históricas. Mesmo no Reino Antigo, onde a relação entre o individual e o social é tão nebulosa quanto problemática, os indivíduos não nos parecem estar totalmente sob o jugo das estruturas e nem agiam sem inércia ou incerteza. Lembrando Marcel Mauss, Levi também explica que o ser humano sempre teve o sentido de si e do seu corpo.¹⁵ Sendo assim, na relação entre biografia e contexto, também é necessário ter em mente que

seja qual for sua originalidade aparente, não se pode compreender uma vida somente através de seus próprios desvios ou singularidades, mas, ao contrário, buscando aproximar cada afastamento aparente às normas, mostrando que ela tem lugar em um contexto histórico que a autoriza.¹⁶

As autobiografias funerárias possuíam, em seu contexto, finalidades específicas, entre elas o enaltecimento das boas qualidades do morto e a preservação dessas qualidades para a eternidade. A narrativa toma certos episódios biográficos do sujeito e os ordena de forma a ser o relato de uma vida cheia de glórias, mostrando que o sujeito merece uma boa pós-vida e, ao

¹³ GINZBURG, 2003, p.178.

¹⁴ LÉVI, 1989, p.2.

¹⁵ LÉVI, 1989, p.3.

¹⁶ LÉVI, 1989, p.5.

mesmo tempo, criando ritualisticamente esta realidade. As autobiografias possuem um caráter ritual, ou seja, sua estrutura narrativa e sua disposição na tumba fazem parte dos ritos funerários.

Por as biografias egípcias possuírem esse caráter narrativo, formando um texto que foi feito no final da vida do sujeito ou mesmo após ela, a maneira como a biografia foi narrada também deve ser problematizada. Para isso buscamos referência na ideia de “ilusão biográfica” de Bourdieu. Segundo o sociólogo, a narrativa biográfica preocupa-se em atribuir sentidos, buscar as causas e finalidades dos acontecimentos.¹⁷ Para Bourdieu, para servir à produção de conhecimento, a análise de biografias não deve se justificar em si mesma. Por isso, o autor prefere a noção de “trajetória”, a qual define como “uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo um grupo), em um mesmo espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes”. Sendo assim, “os acontecimentos biográficos definem-se antes como *deslocamentos* no espaço social”, levando em consideração os diferentes tipos de capitais envolvidos e o contexto histórico.¹⁸

Tratando-se esta pesquisa menos da biografia de Weni, o Velho e mais do problema de análise do documento que é o ponto de partida de sua história de vida, nos parece importante também pensar o trabalho do historiador, tanto diante da escrita, quanto da fonte biográfica. Grijó, pergunta-se “biografia para quê?”¹⁹ e suas considerações são de bastante valia para este trabalho. Para o historiador, a história de vida do sujeito, que pode ser individual ou coletivo, é menos importante do que os conhecimentos historiográficos que podem ser obtidos através do estudo de trajetórias. E, na própria escrita da história, o historiador deve precaver-se de comprar o discurso teleológico da fonte biográfica, evitando assim uma filosofia teleológica da vida do sujeito. Grijó também alerta para o que chama de *arché-telos* na escrita histórico-biográfica,²⁰ ou seja, uma narrativa que já conhece seu desfecho e narra como se a vida tivesse um fio

¹⁷ BOURDIEU, 1996, p.1.

¹⁸ BOURDIEU, 1996, p.4.

¹⁹ GRIJÓ, 2008.

²⁰ GRIJÓ, 2008, p.7.

condutor pré-determinado. Sendo assim, para analisar fontes autobiográficas é preciso pensar não só até que ponto uma vida pode ser narrada, mas também refutar que uma vida possui um sentido *a priori*. Tendo em mente que a própria concepção de tempo no Antigo Egito era diferente da atual, é possível estar atento para não cair na armadilha da “ilusão biográfica”, ao reproduzir o discurso da fonte e considerar que o menino que estava sendo instruído na Corte já era, em germe, o poderoso gerontocrata que viria a se tornar décadas depois.

Por fim, fazemos uma breve descrição dos capítulos. O primeiro visa contextualizar o Reino Antigo, com ênfase no final do período, o chamado Reino Antigo Tardio. Assim, apresentamos um arrazoado histórico sobre alguns aspectos que julgamos fundamentais para a compreensão do objeto de pesquisa. Iniciamos falando sobre a relação entre a construção monumental como catalisadora do processo de centralização do poder. Depois apresentamos o fortalecimento do clero de Rá, na medida em que se aproxima da realeza que, por sua vez beneficia e é beneficiada pelos referidos sacerdotes. Mais adiante, discutimos a clássica questão da desestruturação do centralismo político no Reino Antigo Tardio. No percurso do capítulo também abordamos algumas características da administração egípcia e seu caráter mais baseado nas relações sociais do que na rigidez burocrática, a imortalidade como exclusividade régia e o gradual surgimento de novas práticas que permitiam a pessoas de fora da realeza obterem a imortalidade.

O segundo capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, fazemos para uma apresentação comentada dos acontecimentos narrados na biografia de Weni. Buscamos conhecer o que o sujeito quis preservar de si mesmo desde o seu ingresso na Corte do rei Teti I, passando pelos numerosos e, por vezes, trágicos acontecimentos rememorados no reinado de Pepi I e o auge da sua carreira sob o reinado de Merenra I, época em que provavelmente contruiu sua tumba em Abidos e fez com que fosse entalhada na entrada da capela da mastaba sua autobiografia. Na segunda parte, passamos para uma análise de aspectos formais do texto

autobiográfico. Buscamos compreender as características fundamentais, as particularidades e as críticas a esse gênero textual, bem como sua relação com ideias e práticas religiosas que estavam em ascensão no período.

Por fim, no terceiro capítulo, buscamos recolocar o texto biográfico em seu lugar de origem: a tumba. Não se trata de fazer uma análise do “suporte” do texto, mas de incursionar sobre a materialidade da autobiografia. Através do apoio dos estudos de cultura material, buscamos recolocar juntos o material e o imaterial, mostrar como Weni, sua tumba e sua autobiografia foram produzidas por relações sociais ao mesmo tempo que as produziram. Além disso, tomando a ideia de biografia do objeto, também percebemos as várias biografias que perpassam Weni. Buscamos com isso mostrar como a materialidade de tais relações sociais permitem que seja superado o debate sobre o que é real, o que é ficção e o que é criação ritualística permitindo um olhar historiográfico sobre a autobiografia e seus sujeitos.

CAPÍTULO UM

**PARA COMPREENDER WENI:
CONTEXTO, ADMINISTRAÇÃO E RELIGIÃO**

1.1 O Reino Antigo e seu final em contexto

Reino Antigo é uma forma pela qual a egiptologia do século XIX convencionou chamar o período que abrange os entornos da III à VIII Dinastias. Foi a partir da obra de Manetho, *Aegyptiaca*, que sobreviveu em parte citada por outros escritores da antiguidade, que esta divisão por dinastias chegou até os dias de hoje. Segundo Ian Shaw, a cronologia de Manetho possui alguns problemas quando confrontada com outras fontes, como a Pedra de Palermo da V Dinastia, a Lista de Reis de Abidos e o Cânone de Turim da época Raméssida, ou mesmo com métodos de datação modernos como a estratigrafia, os testes com radiocarbono e a astronomia. O egiptólogo estima que as datações referentes ao Reino Antigo possuam uma margem de erro de 50 anos. Diante das variações na proposição de cronologias, optamos por seguir o padrão indicado pelo egiptólogo britânico.²¹

A época a qual se refere esta pesquisa é a chamada Reino Antigo Tardio, que corresponde a parte final do Reino Antigo. Foi a época em que o oficial Weni, o Velho viveu, serviu a pelo menos quatro reis, vindo a falecer em idade avançada. Sem haver a necessidade de estabelecer marcos cronológicos muito rígidos, consideramos para fins de análise os anos finais da V Dinastia, durante o reinado de Unas (2375-2345) e as primeiras décadas da VI Dinastia, durante os reinados de Teti (2345-2323), Userkara (2323-2321), Pepi I (2321-2287), Merenra I (2287-2278) e algumas considerações sobre o reinado de Pepi II (2287-2184), uma vez que o governo deste é bastante explicativo a respeito dos fenômenos que caracterizam o período.

É no período Dinástico Inicial (c. 3000-2686) que as bases da organização social e as práticas culturais egípcias vão se formar. Mas é no Reino Antigo que podem ser verificadas

²¹ SHAW, 2003, p.482-483.

grandes avanços nos saberes e nas técnicas especialmente aqueles aplicados ao aperfeiçoamento da estrutura destinada ao sepultamento real e à produção e acabamento de bens funerários.²² As construções em pedra são tradicionalmente usadas como critério para eleger a inauguração de um novo período na cronologia egípcia do período. O reinado de Djoser e a construção do complexo da Pirâmide em Degraus em Saqqara é um dos seus marcos principais, embora, tecnicamente não seja o primeiro. A Pedra de Palermo indica a construção de uma estrutura em pedra ao sul da pirâmide de Djoser ainda no reinado de Khasekhemuy, último soberano da II Dinastia.²³

No entanto, esses grandes empreendimentos em pedra não são apenas indicadores cronológicos. Embora eles sejam tidos como marcas de um novo tempo, a pirâmide de Djoser, por exemplo, ainda possui fortes ligações com a tradição de épocas mais antigas. Imhotep é a personagem a quem é atribuída a concepção e execução do projeto de Djoser. A teoria mais aceita considera que ele fez elevar a pirâmide inicialmente sob a forma de uma mastaba, à qual foram se sobrepondo outras cinco mastabas menores, criando um prédio escalonado de cerca de 60 metros de altura. Até então, aquela fora a maior construção em pedra criada no Egito (além de ser a primeira em toda a História com tais proporções). Málek explica que a monumentalidade mostra a posição do rei na sociedade e que “no curso dos dois séculos seguintes, essa abordagem foi explorada até seus limites e isso, por sua vez, tornou-se o poder catalisador do desenvolvimento da sociedade egípcia.”²⁴

O rei egípcio ocupava uma posição única na sociedade. Era o mediador entre o divino e o humano e também o responsável por ambos. Era responsável pela continuidade da ordem sobre o caos, pelo curso das estações, pela proteção do Egito das forças do caos e dos inimigos

²² DAVID, 2011, p.113.

²³ MÁLEK, 2003, p.85.

²⁴ 2003, p.86.

externos, etc. Málek tem uma visão bastante otimista em relação a eficácia do rei e da sua importância para o bem-estar de todos os egípcios:

as dissidências internas eram mínimas, e o suporte ao sistema era genuíno e amplamente difundido. Mecanismos coercitivos do Estado, como o policiamento, eram facilmente notados pela sua inexistência; as pessoas estavam amarradas ao país e o controle sobre cada indivíduo era exercido por comunidades locais que eram fechadas aos recém-chegados.²⁵

Essa posição única do rei o imbuía de prerrogativas importantes em aspectos administrativos e religiosos, mas dentro de uma mesma esfera. Vamos dividi-las apenas com fins de explicá-las. Embora conheçamos pouco sobre detalhes da administração egípcia do Reino Antigo, algumas considerações podem ser feitas de forma relativamente segura, embora, algumas vezes, refiram-se a outros períodos. Em tese o rei era o soberano e proprietário de tudo no Egito, das terras, das pessoas e tinha poder total sobre elas. Na mesma tese, também o único responsável pelos afazeres administrativos, políticos, militares, produtivos, etc. O segundo na hierarquia, que respondia diretamente ao rei, era o vizir (*tjati*) que possuía prerrogativas especialmente naquilo que poderíamos chamar de judiciais e administrativas.

A administração egípcia do Reino Antigo costuma ser estudada principalmente através das titulações dos oficiais de maior ou menor hierarquia. Um trabalho clássico sobre o assunto é o Nigel Strudwick²⁶ que apresenta além dos Vizires, outros cinco cargos de alta patente: Chefe da Grande Mansão (Corte), Chefe dos Escribas dos Documentos do Rei, Chefe dos Trabalhos, Chefe dos Celeiros e Chefe dos Tesouros. O Egíptólogo também apresenta uma série de subcargos que estariam vinculados aos seis apresentados construindo uma administração egípcia funcional, especializada e rígida. João faz uma crítica ao trabalho de Strudwick por mostrar um quadro da administração faraônica como algo racionalizante e demasiadamente

²⁵ 2003, p.92.

²⁶ STRUDWICK, 1985.

rígido “para um sistema notadamente flexível e que não funcionava segundo critérios de especialização de funções”²⁷, mas a partir das relações sociais, como falaremos adiante.

Outro ponto importante sobre a administração é a divisão do território em províncias que os egípcios chamava de *spat* e que os gregos denominaram nomos. Na maior parte da história egípcia, o país foi dividido em 42 nomos, sendo 22 no Alto Egito e 20 no Baixo. Mas esse número variou ao longo do tempo.²⁸ Os regentes locais dos nomos eram os nomarcas, que poderiam ser responsáveis por uma ou mais províncias. A maior parte dos funcionários era uma legião de escribas de baixa hierarquia. O funcionário egípcio, se visto da forma como se “autodescreve” é sempre muito eficiente, o melhor em que faz, o mais próximo do rei, é possuidor das melhores virtudes e suas ações ao longo da vida são sempre heroicas. A descrição de Weni não é diferente, como veremos no segundo capítulo. No entanto, para compreender realmente qual o sentido da figura do funcionário, Berlev defende que é preciso desprender-nos dessa visão de um ser extraordinário de personalidade ímpar.²⁹

Voltando à posição do rei na sociedade, abordaremos agora seu papel religioso. Era uma prerrogativa do rei, se ele assim quisesse, mediar a busca dos homens comuns pela imortalidade quando, no Reino Antigo, somente o soberano tinha esse privilégio. Ao morrer, através de rituais sob a responsabilidade de sacerdotes funerários, o rei se juntava aos deuses, mas o seu papel diante dos vivos e dos mortos não terminava com seu falecimento.

Para seus contemporâneos que estavam enterrados nas proximidades da sua pirâmide e para os envolvidos no seu culto funerário, a relação com o rei continuava para sempre. Era, portanto, do interesse de todos salvaguardar a posição e o status do rei depois de sua morte tanto quanto durante sua vida.³⁰

²⁷ JOÃO, 2015, p. 112.

²⁸ ARRAIS, 2011.

²⁹ BERLEV, 1994.

³⁰ 2003, p.92-93.

Na III Dinastia, as tumbas de cortesãos e oficiais foram erguidas fora do complexo imediato da pirâmide. Já na IV, as tumbas passam a serem construídas mais próximas à pirâmide do rei e a fazerem parte do complexo funerário. As tumbas mais próximas à do rei eram reservadas à família real, que exercia predominantemente os mais altos cargos da administração. Essas tumbas, que eram entregues a seus destinatários por designação real, muitas vezes eram construídas e decoradas pelos artesãos dos ateliês do palácio.³¹ Isso influenciou o trabalho dos artesãos que se desenvolveu em larga escala. As estátuas e outros objetos de artes, não eram produzidos por valor estético, mas com objetivos funcionais: serviam para uma segunda manifestação do *ka* real, depois do próprio corpo (o que também vai se estender a outras pessoas posteriormente). A decoração das tumbas, paredes, calçadas também não eram somente estéticos, mas serviam para expressar os conceitos em torno da realeza divina e a provisão das necessidades do pós-vida.³²

O culto funerário no complexo da pirâmide beneficiava o rei e, indiretamente, os agregados. O culto envolvia oferendas em espécie nos altares, sendo que elas poderiam ser redistribuídas, garantindo provisões para os oficiais da pirâmide. O culto também demanda produtos que o Egito não possuía ou produzia em quantidade, demandando expedições ao estrangeiro e busca de minérios como ouro na Núbia, lápis-lazuli no Sinai e madeira em Biblos. Sob Snefru, diversas campanhas para obtenção de recursos foram enviadas à Núbia, trazendo pessoas cativas e rebanhos de gado. As consequências às sociedades dos territórios visados foi a redução da população local, podendo tê-las destruído completamente, como por exemplo a etnia conhecida como Grupo A, entre a Primeira e a Segunda Cataratas.³³

³¹ 2003, p.93

³² MÁLEK, 2003, p.97-98.

³³ MÁLEK, 2003, p.95-98.

1.2 A monumentalização e a centralização do poder

As mudanças na arquitetura funerária da IV Dinastia estão intimamente relacionadas à transformações nas concepções sobre o pós-vida do rei. Para David, nessa época, rei não era mais visto somente como a manifestação de Hórus, mas identificado com o próprio Rá. A pirâmide, assim estava intimamente relacionada ao culto desse deus e seu formato pode ser uma representação da pedra *Benben*, o monte de onde teve início a criação, segundo o mito de Heliópolis³⁴. A estrutura piramidal fazia, assim, com que ele recriasse e participasse do ciclo de nascimento e renascimento diários do deus.³⁵

O primeiro rei desta Dinastia, Snefru (Hórus Nebmaat, 2613-2589 AEC) construiu três pirâmides, a Inclinada, a Vermelha (onde provavelmente foi enterrado) e a Romboidal, que deixa dúvidas se foi, de fato, construída a mando dele, embora a tradição diga que.³⁶ Essas três pirâmides são consideradas por boa parte da egiptologia como um estágio de tentativa e erro para se chegar a ao formato da pirâmide ideal ou plena, como as da planície de Giza.

Discordamos em parte dessa interpretação por dois motivos. O primeiro deles é o fio teleológico, pois deixa transparecer uma ideia evolucionista feita *a posteriori* orientada para o futuro, ou seja, as experiências arquitetônicas levariam inevitavelmente ao estabelecimento de um cânone como a pirâmide de Khufu, chamada inclusive de pirâmide plena. A segunda razão é porque pensamos que a realização dos experimentos da arquitetura funerária real desse período estão muito mais orientadas pelo passado e pela tradição, do que pela busca da criação

³⁴ Cada cidade egípcia possuía seu deus principal e suas narrativas cosmogônicas e cosmológicas. Conforme uma cultura da Corte foi se impondo (não sem resistência) às outras regiões e cidades, muitos desses mitos acabaram sendo sobrepujados pela ideologia oficial. Outros, todavia, sobreviveram e se fizeram conhecer ao longo de toda a história faraônica. Os mais conhecidos são o de Heliópolis, que narra a criação a partir das divindades solares Atum e Rá; o de Hermópolis, possui o mito dos oito deuses; e de Mênfis, cujo demiurgo é Ptah; e, mais tarde, Tebas, que atribui a criação a Amon.

³⁵ 2011, p.142.

³⁶ MÁLEK, 2003, p.87-88.

de um modelo ideal. Em outras palavras, pensamos que pesava mais a crescente importância do culto ao Sol no pós-vida, a tentativa de se igualar ou superar reis anteriores e o desejo de que seu *ka* existisse para sempre e que jamais visse sua monumentalidade superada pelos reis vindouros.

Outra hipótese é a de que alguns reis construíram várias pirâmides porque as pessoas precisavam ser empregadas nas obras públicas durante os períodos de cheia, para poder receber alimentos e evitar revoltas sociais. Mas, para a David, os reis tinham total poder para construir e as várias pirâmides possuíam significados religiosos diferentes ou complementares, como uma tumba real e um cenotáfio, por exemplo.³⁷ Seja qual for a resposta para essa aporia, Snefru ficou tradicionalmente conhecido como um rei sábio e bom, o que não aconteceu com seus descendentes que o sucederam. É bem conhecida a passagem das *Histórias* de Heródoto que reproduz o que sacerdotes egípcios disseram ao historiador grego, explicando que Khufu e Khafrá exploraram demasiadamente o povo egípcio em trabalhos excessivos na construção de suas pirâmides, além de não ter havido maldade que não praticassem, até mesmo fechando os templos e impedindo que os egípcios sacrificassem aos deuses.³⁸

Khufu (2589-2566) sucedeu seu pai Snefru no trono egípcio e deu continuidade ao projeto monumental funerário. Construiu seu complexo funerário e sua pirâmide na planície de Giza. Os reis da época de Khufu detinham um “controle quase absoluto sobre a vida dos súditos e sobre os recursos e riquezas do reino que eles poderiam desviar para a construção da pirâmide”, sendo que “os monumentos tornaram-se o foco de toda a sociedade e representaram a intenção religiosa, econômica, política e social.”³⁹ Há poucos indícios de resistência a esse domínio. Possivelmente, os efeitos desse controle real que permitiu tamanhos projetos de

³⁷ DAVID, 2011, p.143-144.

³⁸ Livro 2, CXXIV-CXXVIII.

³⁹ DAVID, 2001, p.145.

arquitetura e de monumentalização do poder podem ter deixado resquícios na memória egípcia do Período Tardio (664-332 AEC), que teve um interesse particular no Reino Antigo.

A pirâmide de Menkaure, construída também no complexo de Giza é bem menor do que a de seus antepassados. Menkaure foi o primeiro rei em várias gerações que teve de enfrentar o tabu de ver sua capacidade de monumentalizar reduzida. A posteridade não o culpou por isso. Os sacerdotes ouvidos por Heródoto viam aquele soberano como um rei benevolente que restaurou os antigos costumes e tratou a população com muita cordialidade.⁴⁰ Longe de ser apenas resultado do enfrentamento de um tabu ou um ato respeitoso com os egípcios, a pirâmide de Menkaure é reveladora de mudanças nas estruturas políticas, econômicas e religiosas que aconteceram no final da IV Dinastia e foram tão contundentes quanto importantes durante a V e a VI. Mas, se, por um lado, o culto solar crescia beneficiado pela associação dos reis a esse deus, por outro, Shepseskhaf, o último rei da IV Dinastia, é um indício destoante desse processo. Este rei construiu sua morada da eternidade em Saqqara, mas seu formato é o de mastaba, o que pode significar um rompimento com o clero de Rá ou, como veremos, que o apoio real a esse deus pode não ter sido uma unanimidade.

1.3 A ascensão do culto solar

Na V e na VI Dinastias, os reis continuaram a construir pirâmides, embora com projetos bem menos arrojados. O interior de muitas delas foi preenchido com cascalho de má qualidade e, uma vez que a camada de calcário externa foi removida posteriormente, a aparência atual dessas pirâmides é a de um monte de escombros. Userkhaf, o primeiro rei da V Dinastia, além

⁴⁰ *História*, Livro 2, CXXIX.

de sua pirâmide, também iniciou a prática de construção de templos solares, o que deu ao clero de Rá poderes sem precedentes até aquele momento. Esse novo tipo de monumento, cujo protótipo foi construído em Abusir, também enfatiza a íntima relação do colégio sacerdotal de Rá com o poder central, uma vez que esta divindade tornou-se o deus do Estado.⁴¹ A tradição local, onde se insere a existência de um deus local supremo não parece ter sido sobrepujada pelo culto de Rá.⁴² Os reis continuaram favorecendo os templos locais, que tinham um importante papel na economia e na manutenção do poder. O culto de Rá, ainda na IV Dinastia, cresceu através da associação desse deus com o rei, assim como o poder do rei cresceu através da sua identificação com o culto do deus de Heliópolis. Para David, na V Dinastia, Rá já havia adquirido tamanha importância que locais específicos, além do complexo da pirâmide, foram necessários para o seu culto.

Os templos solares da V Dinastia são bastante diferentes dos templos clássicos do Egito. Era cercado por muros, possuía um amplo pátio aberto para que o Sol estivesse presente nos rituais, um altar de sacrifícios, um pódio e, sobre ele, um obelisco atarracado. Somente os templos do sol de Userkhaf e Nieuserre foram descobertos e escavados, mas pode haver pelo menos outros quatro.⁴³ Barry Kemp⁴⁴ define os modelos de templos dos períodos pré-dinásticos e de alguns períodos posteriores como formal antigo; os templos do Reino Novo, com os pilonos, pátios abertos, salas hipostilas, naos e salas anexas, ele chama de formal pleno; e os templos do Período Tardio, da XXX Dinastia e da ocupação romana, chama de formal tardio.

Málek tem uma visão um pouco diferente. Para ele, os templos solares eram “monumentos pessoais para que cada rei mantivesse seu relacionamento com o deus sol no pós-vida. Como os complexos piramidais, templos solares detinham propriedades, recebiam

⁴¹ DAVID, 2011, p.153.

⁴² KEMP, 1992.

⁴³ DAVID, 2011, p.158.

⁴⁴ KEMP, 1992, p.86.

doações em espécie (...) e tinham seu próprio pessoal.”⁴⁵ Grimal, no entanto, olha com certa desconfiança a afirmação de que o culto solar da V Dinastia tivesse tanto poder quanto parece, em vez de ter tanto quanto sempre teve. Mas, o egiptólogo francês reconhece que, certamente, esse período trouxe mudanças importantes na administração e na religião.⁴⁶

Assim, nos perguntamos se, em pleno processo de fortalecimento do culto a Rá, a construção da mastaba de Shepseskha não foi interpretada pelos reis da V Dinastia e pelo colégio sacerdotal solar como um perigo para a sobrevivência do culto então identificado com o poder central. Se assim fosse, os templos solares teriam sido construídos também por razões de compensação política, em um jogo para manter o apoio mútuo entre essas duas esferas de poder. Ou será que simplesmente Shepseskha não teve tempo de concluir sua pirâmide, afinal governou por cerca de cinco anos, sendo a tumba finalizada na forma de uma mastaba? Seria uma hipótese plausível se a mastaba não implicasse em concepções de pós-vida real diferentes daquelas que estavam em vigor no período, indicando a presença de interesses divergentes nas esferas de alta hierarquia do poder.

Em termos administrativos, duas foram as principais características da V Dinastia. Uma foi o aumento da distribuição de cargos de alto escalão para pessoas fora da família real. A outra foi a “notável habilidade pela qual os templos solares foram incorporados no sistema econômico”⁴⁷. Muitas das indicações reais de nomes para o colégio sacerdotal dos templos solares eram feitas com o objetivo de empoderar o próprio colégio e, assim, obter benefícios oriundos dele. O mesmo valia para as nomeações de pessoal para os cultos funerários reais nas pirâmides. Boa parte das oferendas em espécie eram produzidas nas terras da pirâmide ou dos templos concedidas a essas instituições para a manutenção do culto. Esses produtos eram revertidos em pagamentos para os oficiais. Para Málek, “não havia nenhuma contradição

⁴⁵ MÁLEK, 2003, p.99.

⁴⁶ GRIMAL, 1996, p.84.

⁴⁷ MÁLEK, 2003, p.100.

flagrante entre a demanda de trabalhos para os deuses, para o morto e para as necessidades dos vivos.”⁴⁸ Grande quantidade da produção nacional era, em tese, destinada a suprir as necessidades do rei falecido, dos templos solares, dos santuários e cultos dos deuses, mas, em um sentido prático, era usada para o abastecimento da maior parte da população egípcia.

No final da V Dinastia os reis deixaram de construir templos solares, mas o papel de Rá já estava consolidado na ideologia real e funerária e não sofreu alterações. É nesse contexto que o rei Unas, o último da Dinastia, constrói sua pirâmide que, embora pequena e pouco complexa, é a primeira em que aparecem escritos na câmara funerária e nos corredores os encantamentos que garantiam a imortalidade do rei e a sua jornada para junto dos deuses: os Textos das Pirâmides. Para David, os Textos das Pirâmides possuem elementos muito mais antigos do que Unas e indicam um ancestral culto às estrelas que não sobreviveu ou foi sobrepujado pelo culto a Rá, que fez com que sua adoração e seu clero atingissem o ápice.⁴⁹ Málek explica que, além da religião solar, os Textos das Pirâmides também possuem elementos da religião osiriana e outras concepções que podem ser muito mais antigas.⁵⁰

No Reino Antigo, somente o rei poderia alcançar a imortalidade. No entanto, diante do angariar de poder das elites locais e também dos membros da Corte é notório o aparecimento de tumbas de individuais requisitando ritualisticamente a imortalidade. Inicialmente através da proximidade com o rei. Depois através da associação com Osíris. Isso era feito mediante a associação do nome do morto com o termo *imakhu*, uma expressão de difícil tradução, podendo significar “aquele que é honrado” ou “aquele que é provido”, nesse caso, aquele que é provido como Osíris o é.⁵¹ Diferente desta interpretação, Grimal acredita que *imakhu* quando usado por

⁴⁸ MÁLEK, 2003, p.101.

⁴⁹ DAVID, 2011, p.129.

⁵⁰ MÁLEK, 2003, p.102-103.

⁵¹ ALLEN, 2004, p.9-12.

particulares é uma referência à dependência patronal que eles possuem em relação ao rei. Nesse sentido, que os provê de tudo que necessitam em vida e na morte é o rei.⁵²

Abidos, no Egito meridional, já tinha uma importância significativa no Reino Antigo antes do culto a Osíris se estabelecer. Inicialmente o deus local era o chacal e divindade funerária Khenti-Amentiu, Aquele que Abre os Caminhos, o Primeiro dos Ocidentais. Num processo de sincretismo, Osíris incorpora as características e os títulos do deus de Abidos, assumindo como divindade principal da cidade.⁵³ O culto a Osíris surgiu como uma alternativa de obtenção da imortalidade sem o intermédio do rei e conheceu uma disseminação bastante ampla. Esse processo é conhecido na egiptologia como “democratização” da imortalidade. No entanto, esta “democratização” é um termo demasiadamente otimista. João⁵⁴ enfatiza que a imortalidade era acessível contanto que a pessoa pudesse arcar com elevados custos da produção de uma tumba, de ter seu corpo minimamente preservado, de ter inscrições com seus título (se os tivesse), de ter uma pessoa que levasse periodicamente oferendas na tumba para alimentar seu *ka*, de confeccionar uma porta-falsa ou estelas com fórmulas de oferendas que o nutrissem ritualisticamente. Era, então, uma democratização para parte da elite.

O que se percebe, neste contexto, é o surgimento de aspirações de individualidade, tema polêmico na egiptologia. Alguns defendem os egípcios como portadores de um forte senso de individualidade, outros apostam em um apagamento do indivíduo em prol do social e outros que apostam em uma visão mais conciliatória. Penso que a interpretação de Ciro Flamarion Cardoso⁵⁵ sobre o tema é bastante satisfatória. Ele fala em “emergência do indivíduo” com o objetivo de distanciar-se da concepção moderna e aproximar-se de um sujeito egípcio que só se percebe como indivíduo mediante sua relação com seu grupo e como parte da criação. Mas, o que não pode ser negado é o aumento de tumbas individuais com textos biográficos escritos em

⁵² GRIMMAL, 1996, p. 98.

⁵³ GRIFFITHS, 2001, p.618.

⁵⁴ JOÃO, 2015, p.235.

⁵⁵ CARDOSO, 2007.

primeira pessoa nas paredes, nas necrópoles reais ou provinciais. Apenas por causa disso são chamadas de autobiografias funerárias.

Osíris era inicialmente uma divindade ctônica local do Delta Oriental ligado aos ciclos da vegetação, daí sua coloração verde. Mas, gradualmente seu culto foi ampliando-se até atingir vastas regiões do Egito. Uma das mais importantes foi Abidos. Nesta cidade, a divindade local, o chacal Khenti-Amentiu, era cultuado como um deus ligado aos assuntos dos mortos. Seu nome significa “O Primeiro dos Ocidentais”, uma referência ao Oeste, região dos mortos. Num processo de sincretismo, possivelmente ainda em períodos do Dinástico Inicial, Osíris passa a ser associado a Khenti-Amentiu e adquire funções de deus dos mortos. Já no Reino Antigo, Osíris praticamente suprimira o culto da antiga divindade, vindo a ter “Primeiro dos Ocidentais” como um dos seus títulos.⁵⁶

Uma hipótese que temos é que o culto de Osíris como um deus dos mortos capaz de fornecer imortalidade a pessoas fora da realeza é a própria importância da cidade de Abidos. Muito além de seu papel religioso, a região é próxima de nomos da fronteira do Reino Antigo como Eefantina, na região da Primeira Catarata do Nilo, o que possibilitaria que a região tomasse parte do controle político e militar da fronteira e da região. As razões religiosas não nos parecem completamente satisfatórias para explicar, por exemplo, que a sede de atuação mais importante do Governador do Alto Egito, seja Abidos.

1.4 Colapso do Reino Antigo?

Um tema clássico quanto se trata da discussão sobre o colapso do Reino Antigo são as suas causas. Cardoso enumera aquelas que podem ter sido as principais

⁵⁶ WILKINSON, 2003, p. 187-190.

A explicação usual entre os fatores incidentes: excesso de independência dos sacerdotes, que receberam isenções fiscais e doações que enfraqueceram o patrimônio estatal (isto implicaria a falsa premissa de que os templos eram algo diferente do Estado, quando na realidade eram parte dele, participando o rei de suas rendas); fraqueza pessoal dos reis; avanço do poder e da hereditariedade das funções dos nomarcas, preparando o desmembramento do país; as (...) revolta popular e invasão estrangeira [nômades asiáticos no leste do delta].⁵⁷

A VI Dinastia (2345-2181 AEC) é um período em que o poder do rei ideologicamente permanece o mesmo, mas em um contexto de muita tensão política. O primeiro rei dessa dinastia foi Teti, um oficial que se casara com a filha de Unas, o último rei da V Dinastia, dando início à nova, em um processo de sucessão problemática.⁵⁸ Esta foi uma prática recorrente neste período: quando um rei não deixava herdeiros masculinos, um homem de fora casava-se com a filha do rei e dava início a uma nova dinastia.⁵⁹ O rei seguinte, Userkará, cujo reinado há poucas informações, pode ter sido um usurpador ou mesmo um regente durante a menoridade do Pepi I, que assume o poder na sequência. Este, foi um rei que aproximou-se do colegiado de sacerdotes de Rá e se casou com a filha de um importante oficial de Abidos. Como forma de ganhar o apoio dos poderes provinciais, os reis dessa época construíram diversos templos para os deuses locais e favoreceram os grandes centros, isentando-os do pagamento de impostos.⁶⁰

Pepi I foi sucedido por dois de seus filhos, Merenra I e depois deste por Pepi II, que ascendeu ao trono com cerca de 6 anos e governou por 94, sendo o reinado mais longo da história egípcia. Mas esse reinado pode não ter durado mais do que sessenta anos. Há um registro de um censo realizado no ano 33 de Pepi II, mas que também pode se referir ao sexagésimo sexto ano, uma vez que eles eram feitos bianualmente.⁶¹ A primeira parte de seu governo teve uma frágil estabilidade. Já a segunda não foi muito eficiente, especialmente por

⁵⁷ CARDOSO, 1998, p. 88.

⁵⁸ RICE, 2005, p.150.

⁵⁹ CARDOSO, 1998, p.76.

⁶⁰ LECLANT, 2001a; 2001b.

⁶¹ GRIMAL, 1996, p.94.

conta de problemas sucessórios e de disputas pelo poder.⁶² O desgaste do sistema tributário, devido às excessivas concessões aos templos e à nobreza, pode ter sido o estopim para a crise. Os governantes locais, cujos cargos estavam na família havia gerações tornaram-se regentes semi-independentes. Os mais próximos da capital, Mênfis, parecem ter sido melhor controlados, mas os mais distantes, como Elefantina, Edfu e Abidos, angariaram bastante autonomia.⁶³

O relato de Weni sobre o inquérito secreto do Harém Real⁶⁴ se refere a um complô contra o rei Pepi I organizado pela Rainha Weretyamtes no Harém e julgado por Weni. Málek interpreta esta passagem como uma evidência de que, embora o poder do rei ainda permanecesse teoricamente o mesmo, dificuldades começaram a aparecer. Elas iam muito além dos aspectos monumentais e formais e eram uma forma de aumentar o poder das elites provinciais. O egiptólogo vê também a criação de cargos como o de Governador do Alto Egito, utilizado pela primeira vez durante a V Dinastia, como um sintoma do enfraquecimento do poder central através da delegação de poderes às autoridades provinciais.⁶⁵

É muito importante ter em mente que durante a II e III Dinastias os cargos e mais importantes eram ocupados pela família real. O governo era o que pode-se chamar de “administração expedicionária”, ou seja, o rei viajava com seu séquito, os “seguidores de Horus” em expedições fiscalizadoras.⁶⁶ Já no fim da IV e na V Dinastias, alguns dos cargos mais altos passaram a ser distribuídos para pessoas fora da família real. Como percebe-se uma complexificação e burocratização da administração egípcia seria plausível dizer que o rei passou a buscar pessoas mais aptas para trabalhos estratégicos ou mais complexos, tarefas que, embora pudesse haver pessoas da família real disponíveis, não poderiam desempenhar tais

⁶² RICE, 2005, p.150.

⁶³ DAVID, 2011; MÁLEK, 2003, p.103-107.

⁶⁴ TPA, p.353.

⁶⁵ MÁLEK, 2003, p.105.

⁶⁶ CARDOSO, 1998, p. 77.

funções. Cardoso, propõem uma hipótese que nos parece mais verossímil. Para o egiptólogo, a distribuição de cargos fora do círculo íntimo do rei passou a acontecer porque os membros da família real tentavam interferir demasiadamente em questões de governo e, principalmente, na sucessão.⁶⁷

Uma das formas do rei recompensar a lealdade era com a concessão de cargos vitalícios, os quais dependiam do próprio soberano; era um meio de controlar os oficiais. Alguns reis mais fracos das Dinastias finais do Reino Antigo, para obter o apoio das províncias, acabavam permitindo que esses cargos se tornassem hereditários.⁶⁸ Málek defende que o reconhecimento da hereditariedade dos cargos de oficiais importantes da Corte se deu porque estavam havia gerações na mesma família.⁶⁹ De fato, nessa situação, o poder central já não podia contar com o recuso da concessão de altas colocações como recurso de trocas políticas que garantiriam a lealdade de sujeitos estratégicos para a manutenção do sistema político. Na fase final do reinado de Pepi II, as vantagens de um reino unificado parecem perder sentido. Pepi II foi sucedido por Merenra II e então pela rainha Nitiquet. Após estes, houve grandes disputas pelo poder central por diversas facções. A VII e a VIII Dinastias tiveram cerca de vinte reis efêmeros, dos quais sabemos pouco mais do que o nome Neferkara utilizados por alguns deles, possivelmente em imitação a Pepi II.

Para Assmann, a crise do Reino Antigo é explicada por fatores internos e não externos, como invasões ou questões climáticas. “As causas dessa crise gerada internamente foram várias, ainda que presumivelmente enraizada nas discrepâncias entre elite e ordens inferiores, cultura da residência e cultura provincial.”⁷⁰ No entanto, o autor lembra que é enganador falar de uma cultura provincial de forma generalizante. Kemp, questionando-se se a cultura da Corte

⁶⁷ CARDOSO, 1998, p.78-79.

⁶⁸ DAVID, 2011, p.115.

⁶⁹ MÁLEK, 2003, p107.

⁷⁰ ASSMANN, 2002, p.49.

sobrepujou as culturas locais, explica que a cultura, a arquitetura e a religião locais eram muito fortes e levou muito tempo para a Corte conseguir uma certa homogeneização da cultura, como estamos acostumados a ver no Egito. Até o Reino Médio (c.2040) ainda não havia se completado.⁷¹ Isso significa que, ao contrário do que defendem Málek e David, mesmo no final do Reino Antigo, as tradições locais ainda tem um forte poder em relação ao poder central.

A outra esfera da crise citada acima por Assmann, qual seja, “as discrepâncias entre elites e ordens inferiores”, envolve o que o egiptólogo entende como um conflito entre a elite e as ordens menores. No final do Reino Antigo, em termos gerais, havia uma elite que realmente comandava por um lado e, por outro, diversas ordens menores, oriundas de cargos oficiais menos prestigiados, cujas ocupações burocráticas as levava a crer que tinham uma grande importância no jogo do poder, mas na realidade isso não ocorria. Uma vez que as elites que comandavam geraram uma espécie de “crise de participação” de outros grupos menores ou iguais no poder, uma consequência disso afetou diretamente o grupo que comandava o poder central, desencadeando uma “crise de penetração”, quando o Estado já não conseguia fazer valer sua vontade, vendo seu raio de ação encolher. Para o egiptólogo alemão,⁷² uma das consequências práticas mais severas foi a redução da capacidade do Estado de fazer a gestão da produção, do estoque e da redistribuição das colheitas. Este era um espaço de poder que, longe de ter ficado vazio, foi ocupado por outros agentes, até então com uma participação pouco visível, mas que foi responsável por uma mudança na estrutura social egípcia do período: o patrão.

Um patrão comandava uma comunidade de abastecimento abrangendo a família extensiva, além de esposas secundárias e seus filhos, concubinas, escravos e um número maior ou menor de “dependentes” ou clientes. Enquanto que os oficiais, o grupo social dirigente, no Reino Antigo, eram amplamente responsáveis pelo rei, e atuavam somente sob suas ordens, a responsabilidade do patrão era amplamente a seus inferiores e dependentes. A legitimidade de um patrão estava ligada a sua performance

⁷¹ KEMP, 1992, p.85.

⁷² ASSMANN, 2002.

distributiva. Nesse sentido, a estrutura social acomodava agora um estrato intermediário entre a família individual e o Estado.⁷³

A estrutura do patronato provavelmente já existia em períodos clânicos, com uma organização mais horizontal, que foi gradualmente desmantelada pela estratificação social e pelo processo de gênese do Estado unificado. O aumento das tumbas nas províncias é um indicativo da crescente importância dos oficiais regionais como patronos.⁷⁴ Assim, podemos dizer que o final do Reino Antigo é um período de tensão política e social especialmente por ter se agravado uma crise de sucessão, nomeadamente no reinado de Pepi II, e devido ao surgimento dessa nova forma de relação social, o clientelismo e o patronato, uma vez que a capacidade de centralização do faraonato reduziu. Assmann chega, inclusive, a chamar essas elites de “senhores feudais”, especialmente tendo em mente uma acentuação dessa situação nas dinastias posteriores, no chamado Primeiro Período Intermediário (2160-2055 AEC).⁷⁵

No entanto, Maria Thereza João, na esteira do egiptólogo espanhol Juan Carlos Moreno García, defende uma posição bastante diferente daquilo que se chama tradicionalmente de crise do Reino Antigo e disputa pelo poder entre elites regionais e poder central, e que está intimamente relacionado à concepção de Estado aplicada à análise. João explica que boa parte da egiptologia tomou como ponto de partida uma noção de Estado que vem do sociólogo alemão Max Weber, ou seja, um Estado que detém o monopólio do uso da força, uma instituição ampla, burocratizada e eficiente. Sendo assim, os períodos “Intermediários”, em oposição aos períodos de “Reino”, são considerados hiatos históricos em que toda a civilização entrou em colapso porque o Estado perdeu suas atribuições, até ser novamente instituído. O problema dessa concepção é que Weber a cria a partir das noções iluministas do contrato social para pensar a

⁷³ ASSMANN, 2002, p.50.

⁷⁴ ASSMANN, 2002, p.51.

⁷⁵ 2002, p.51.

gênese do Estado moderno e pouco reflete sobre as realidades daquilo que chamamos Estado em variados períodos e tempos.⁷⁶

Nesse sentido, em oposição à concepção weberiana institucional, João parte de uma visão de Estado a partir de um viés materialista e relacional. Trata-se de uma concepção que, ao ampliar a noção de Estado, incorpora a ela o conjunto das complexas relações sociais de uma sociedade, tanto em termos de conflitos como de consensos. Em termos metodológicos, esta concepção de Estado concede ferramentas para ver as relações sociais escondidas na ideologia na qual a maioria das fontes egípcias foram produzidas, pois o “Estado, longe de ser um epifenômeno, é constituído e constantemente articulado por meio dessas relações”.⁷⁷

Nesse sentido, a crise do final do Reino Antigo não é um colapso dos pilares da civilização, e sim da capacidade centralizadora da elite que comanda o poder régio e suas instituições. Assmann tem uma visão um tanto fatalista em relação a isso ao afirmar que essa situação do cenário político foi um efeito da própria evolução do processo que deu origem ao Estado egípcio.⁷⁸ As reformas administrativas realizadas pelos reis da IV e sobretudo da V e VI Dinastias têm um papel central nos rumos que a crise tomou. Perceber o poder central e os poderes locais não como antagonistas, mas como parte de um mesmo sistema, onde um precisa do outro para operar, é a principal contribuição da tese de João. Nesse sentido, os núcleos de poderes locais criados pelas ações administrativas da V e VI Dinastias não foram a causa do enfraquecimento do poder central. Estado e elites locais estavam “ligados por laços de solidariedade e reciprocidade.”⁷⁹ Isso quer dizer que se, por um lado, ao delegar autoridade para as elites locais o Estado estava perdendo sua capacidade centralizadora, por outro conseguia chegar nas províncias mais distantes. Reciprocamente, as próprias elites locais se

⁷⁶ JOÃO, 2015.

⁷⁷ JOÃO, 2015, p.72.

⁷⁸ ASSMANN, 2002, p.49.

⁷⁹ JOÃO, 2015, p.19.

valiam da legitimidade que o Estado lhes dava para afirmar seu poder em relação às populações locais e a grupos rivais.⁸⁰

Segundo João, “até a IV Dinastia as elites locais não eram formalmente incorporadas ao Estado egípcio.”⁸¹ Mas elas estavam ligadas ao Estado por meio de mecanismos como casamentos. Na V Dinastia, funcionários reais passaram a ser enviados da Corte para servir nesses províncias. Seus descendentes, nascidos no local, passaram a se beneficiar da hereditariedade, assumindo o cargo de seu antecessor. Segundo Arrais,⁸² os cargos possuíam uma ampla mobilidade horizontal, ou seja, não eram especializados a ponto de um oficial não poder exercer outro cargo diferente do que exercia primeiramente, em nível regional ou central. Assim, a tese de que a administração do Estado egípcio era feita sobretudo por um corpo de funcionários especializados, eficientes e sob uma rígida e formal burocracia torna-se frágil. De fato, muitos cargos demandavam especialização que era, em parte obtida nas escolas de escribas e, em outra no próprio exercício da função e por cercar-se de pessoas que já dispunham de conhecimentos. Mas, também há um amplo espaço para o funcionamento de um sistema de obtenção de cargos, recursos e influências pautado na mobilização de capitais, dentro de certas redes de relações.

A crise que se instalou após a morte de Pepi II deu-se em um contexto de problemas de sucessão real, já que esse rei sobreviveu a diversos de seus herdeiros e havia deixado uma vasta lista de sucessores possíveis. Após os reinados efêmeros dos sucessores de Pepi II, nas VII e VIII Dinastias o poder central foi disputado por diversos grupos, dos quais sabemos pouco mais além do nome Neferkará. As querelas sucessórias levaram, não a um apagamento do poder central, mas a uma redução contundente da capacidade centralizadora da Residência, sendo que

⁸⁰ JOÃO, 2015, *passim*.

⁸¹ JOÃO, 2015, p.86.

⁸² ARRAIS, 2011.

nos momentos de retração dessa capacidade, abre-se espaço para que outros grupos disputem esse aparato institucional, mas cujos interesses são, na realidade, pouco diferentes daqueles das elites dominantes, os quais podem ser brevemente definidos como o desejo de exploração de boa parte da população.⁸³

Assim, pra compreender a realidade em que Weni viveu e atuou é preciso ter em mente que o Reino Antigo Tardio é muito mais um período caracterizado pela redução da capacidade centralizadora do rei, ao passo que líderes locais assumem, por vezes, prerrogativas reais em termos religiosos e políticos. Também não se pode perder de vista que a administração não era praticada em condições rigorosamente formais, mas através de relações sociais bastante flexíveis e que permitiam ao funcionário atuar em um amplo arco de funções diferentes, mesmo que sua titulação indique algo que nos pareça inflexível. Por fim, é preciso lembrar que o Reino Antigo Tardio também é um período em que surgem materialmente evidências de transformações nas práticas religiosas, sendo que estas estão intimamente ligadas aos processos políticos e sociais da época. Dito isso, podemos agora nos aventurar na biografia de Weni.

⁸³ JOÃO, 2015, p.40.

CAPÍTULO DOIS:
WENI E SUA (AUTO)BIOGRAFIA

2.1 Weni e sua autobiografia: uma apresentação⁸⁴

Weni conta que ainda muito jovem iniciou seus serviços à Corte, em Mênfis, no reinado de Teti, o primeiro soberano da VI Dinastia. “[Eu era um jovem] que amarrou a bandana na cabeça sob Teti, quando meu ofício era o de superintendente do armazém.”⁸⁵ Para Simpson,⁸⁶ a ação de amarrar a bandana era uma espécie de ritual de passagem, que também é mencionado em outras autobiografias do período. O egiptólogo também explica que ela possivelmente se refere ao começo da vida adulta, em torno dos 18 anos. Ainda durante o reinado de Teti, o jovem rapaz diz que alcançou um cargo mais elevado, “tornei-me supervisor do *khenty-she*⁸⁷ da Grande Casa”.

O reinado de Teti durou cerca de 22 anos, mas no documento não há muitos detalhes de sua experiência de Weni com este rei. O que sabemos é que tratava-se de um período calmo nas províncias, mas de nervosismo na Corte.⁸⁸ Os reis da V Dinastia se aproximaram do culto de Rá e realizaram uma série de reformas administrativas que dava privilégios hereditários às elites provincianas e isentava templos e *hwt* (propriedades rurais) de impostos. Até mesmo o próprio Teti realizou algumas destas reformas, como percebemos em seu decreto que isenta o templo de Coptos de impostos.⁸⁹ Mas, segundo Manetho, Teti foi assassinado, o que sugere a existência de facções rivais na família real e a disputa pelo poder.

⁸⁴ Giovanni Levi (2000), antes de partir para a análise dos aspectos sociais, políticos, religiosos e econômicos do insucesso no uso do poder e prestígio herdados por um certo padre exorcista, faz uma apresentação de sua biografia. Pego emprestada a estratégia do historiador italiano.

⁸⁵ TPA, 352.

⁸⁶ SIMPSON, 2003, p. 402.

⁸⁷ STRUDWICK, 2005, p.28. *Khenty-she* também é um termo de difícil tradução literal, mas que pode ser entendido como guardião ou assistente. Oficiais com ocupações diversas dispunham deste título. O que tinham em comum é que serviam o rei de forma bastante próxima.

⁸⁸ MAGEE, 2001.

⁸⁹ GRIMAL, 1996, p.97.

Weni, já um homem maduro e experiente, não menciona o rei que sucedeu Teti, Usekhara, indo direto para o seguinte, Pepi I. Para Grimal, O nome de Userkhara, que é tido como um possível usurpador, faz referência a Rá, quando Teti e Pepi I não o fizeram. Userkhara, poderia ser de uma linhagem ligada aos soberanos da V Dinastia ou a uma facção que apoiava a volta do culto de Rá ao centro.⁹⁰ Málek levanta a hipótese de Userkhara ser um dos nomes de Pepi I, que mudou sua nomenclatura algumas vezes durante a vida.⁹¹ Sendo este rei um usurpador ou não, Weni e sua família provavelmente permaneceram próximas à Corte durante o reinado deste obscuro personagem, durante os cerca de dois anos que ele pode ter reinado.

Estátua de calcário de Weni como um menino



Figura 1: Fonte: RICHARDS, 2010, p.351

⁹⁰ GRIMAL, 1996, p.87.

⁹¹ MÁLEK, 2003, p.104.

Fragmento de Relevo de Weni



Figura 2: Fonte: Ref. CGC 1670. Museu Egípcio. RICHARDS, 2002, p.81.

Quando o jovem Pepi I Meryra ascende ao poder, a trajetória de Weni aparece de maneira bem mais detalhada. A primeira impressão que temos é que ele era muito próximo do novo soberano e contava com seus favores. “Sua [Majestade promoveu-me] a *Juiz e Boca de Nekhen*⁹², como ele preferia a mim do que qualquer um de seus servidores. Eu ouvi casos sozinho com o Vizir referentes a todos os assuntos secretos.”⁹³ O caso mais notório de Weni é justamente o mencionado no início deste trabalho, a conspiração do harém. A rainha não é mencionada nominalmente no texto a não ser apenas pela designação de “*Great of Affection/Grande Afeto*”, o que provavelmente indica que a soberana caiu em desgraça e seu

⁹² Embora a transliteração literal seja *r-nekhen* (Boca de Nekhen), este título poderia se referir também a *iry-Nekhen* (Guardião de Nekhen) (FISCHER, 1996, p.44-45).

⁹³ TPA, p.353.

nome foi apagado, mas a memória do caso se manteve viva talvez como exemplo para quem tivesse ideia semelhante.

Ao longo da parte do texto destinada ao governo deste soberano, Weni afirma repetidamente que agia sempre em benefício do rei: “eu estava enraizado em seu coração e seu coração estava repleto de mim.”⁹⁴ Também foi promovido a Campaneiro Único, uma titulação ambígua que designa alguém que é muito próximo do rei e goza de sua confiança. Não seria de se estranhar que Weni dispusesse, de fato, dessa confiança, pois ele também atuou no campo militar. Segundo Arrais,⁹⁵ é preciso ter em mente que no Reino Antigo, ainda não existia um exército profissional, o que só vai ser criado no contexto da expulsão dos hicsos, na passagem do II Período Intermediário para o Reino Novo. Durante o Reino Antigo, se fosse preciso reunir tropas para campanhas militares ou proteger as fronteiras, cada potentado local, das diversas regiões administrativas egípcias, deveria providenciar e armar homens capazes de lutar. Sob Pepi I, o Egito teve de lidar com sucessivas tentativas de invasão por beduínos, chamados pelos egípcios de “Moradores da Areia”.

Quando Sua Majestade repeliu o Aamu e os Moradores das Areias, Sua Majestade montou um exército de muitas dezenas de centenas [de homens], de todo o Alto Egito, do norte de Elefantina até o Medenyt, e do Baixo Egito, de todo o Delta, de Sedjer, Khensedjer, núbios de Irtjet, núbios-Medjay, núbios de Iam, Núbios de Wawat, Núbios de Kaau e de Tjmehu. (...) Eu era quem estava no comando, enquanto eu era (somente) um superintendente da *khenty-she* da Grande Casa.⁹⁶

Como se não bastasse a capacidade que Weni diz ter no comando de tropas de todas as regiões do Egito, ele também se revelou um potente disciplinador da hoste durante o percurso da marcha até o local da batalha:

por causa da minha meticulosidade, (...) ninguém atacou seu companheiro, (...) ninguém tomou pão ou sandálias do viajante, (...) ninguém tomou os tecidos de

⁹⁴ TPA, p.353.

⁹⁵ ARRAIS, 2011, p.24-27.

⁹⁶ TPA, p.354.

nenhuma cidade, (...) ninguém tomou uma cabra de nenhum homem. Eu levei-os a partir da Ilha do Norte, do Portão de Imhotep, do distrito de Hórus Senhor de Maat, enquanto eu estava nesta posição (...). Eu expandi (...) o número dessas tropas; nenhum servo tinha feito um expansão (?) (antes).⁹⁷

O comandante desta disciplinada tropa relata que teve êxito em sua jornada. “Esta expedição retornou em paz, tendo devastado a terra dos Moradores da Areia.”⁹⁸ Ele relata que comandou estas mesmas tropas em cinco campanhas diferentes e que obteve êxito em todas elas. Tão empolgado que parecia estar com suas vitórias que dedicou uma grande parte da parede de sua tumba com inscrições sobre ela na forma de um poema que tem características de repetição que também encontramos na métrica mesopotâmica e grega.

Essa expedição retornou em paz,
tendo derrubado suas fortalezas;
essa expedição retornou em paz,
tendo cortado suas figueiras e videiras;
Essa expedição retornou em paz,
tendo ateado fogo em todas as suas casas;
Essa expedição retornou em paz,
tendo eliminado as tropas locais em muitas dezenas de centenas;
essa expedição retornou em paz,
tendo trazido um grande número de tropas de longe como cativas.⁹⁹

No auge da “carreira” militar e administrativa de Weni, o rei Pepi I, após cerca de 34 anos de reinado, sobre as escadas cósmicas para se juntar a Rá em sua barca e renascer a cada dia pela eternidade. Quem assume o poder é um dos filhos do antigo soberano, Merenra I. Com o poder real sob a mesma família, Weni, já em idade avançada, diz ter sido designado para um posto ainda maior. Foi nomeado *haty-a* e como Governador do Alto Egito.¹⁰⁰ Ao narrar este episódio, o oficial faz menção a uma suposta origem popular, fora da Corte, o que tem sido discutido entre egiptólogos. Kadish¹⁰¹ também menciona que a tumba de Weni em Abidos pode

⁹⁷ TPA, p.354.

⁹⁸ TPA, p.354.

⁹⁹ TPA, p.354-355.

¹⁰⁰ TPA, p.355. Segundo Strudwick (2005, p.27), o título *haty-a* é de difícil tradução equivalente. Literalmente significa “foremost of arm/aquele que está com o braço à frente”. Se for associado com o nome de uma cidade, aproxima-se de algo como “prefeito”.

¹⁰¹ KADISH, 2001.

ser um cenotáfio e que sua verdadeira morada da eternidade estaria em Mênfis, junto com outros cortesãos contemporâneos.

Governador do Alto Egito foi um cargo criado na V Dinastia e é interpretado por Málek¹⁰² com um dos sinais da corrosão do poder de centralização do rei, pois o soberano precisava de alguém de sua confiança em locais estratégicos para garantir a presença do Estado nesses locais. A sede formal desse posto era Abidos, uma região que já possuía uma importância política e religiosa já no período Pré-Dinástico e que vai se tornar um centro cultural e religioso ligado ao culto de Osíris a partir do final do Reino Antigo.¹⁰³ Na autobiografia são relatados um grande arco de atividades que o Velho Weni desempenhou ali. “Eu agi por sua majestade como Governador do Alto Egito de forma satisfatória de modo que um homem não cometeu injustiça a seu igual; julguei tudo que precisava avaliação pela Residência no Alto Egito em duas ocasiões.”¹⁰⁴ Para Kadish,¹⁰⁵ esta passagem significa que havia a necessidade de ter alguém em Abidos que pudesse apaziguar a população, coordenar a construção de obras públicas e assegurara a propriedade do Estado.

Mais perto de pedreiras férteis, Weni também foi designado para outras importantes tarefas: trazer um sarcófago e um *pyramidion* para a Pirâmide de Merenra, além de lintéis, arquitraves e outras peças de granito para a produção do complexo da pirâmide do rei. Da mesma forma, o Governador providenciou todo o sistema de transporte para descer o Nilo de sul a norte com barcaças abarrotadas de pedras para construções na Corte. Weni gaba-se de ter conseguido este feito em tempo recorde.¹⁰⁶ Além disso, ele alega ter escavado cinco canais de irrigação na Primeira Catarata, então fronteira sul do Egito, os quais Rice¹⁰⁷ afirma serem os mais antigos até hoje encontrados.

¹⁰² MÁLEK, 2003, p.105.

¹⁰³ GRIFFITHS, 2001, p.615-618.

¹⁰⁴ TPA, p.355-356.

¹⁰⁵ KADISH, 2001, p.496.

¹⁰⁶ TPA, p.356.

¹⁰⁷ RICE, 2004, p. 219.

Mapa com a localização do *Middle Cemetery* e o Templo de Osiris

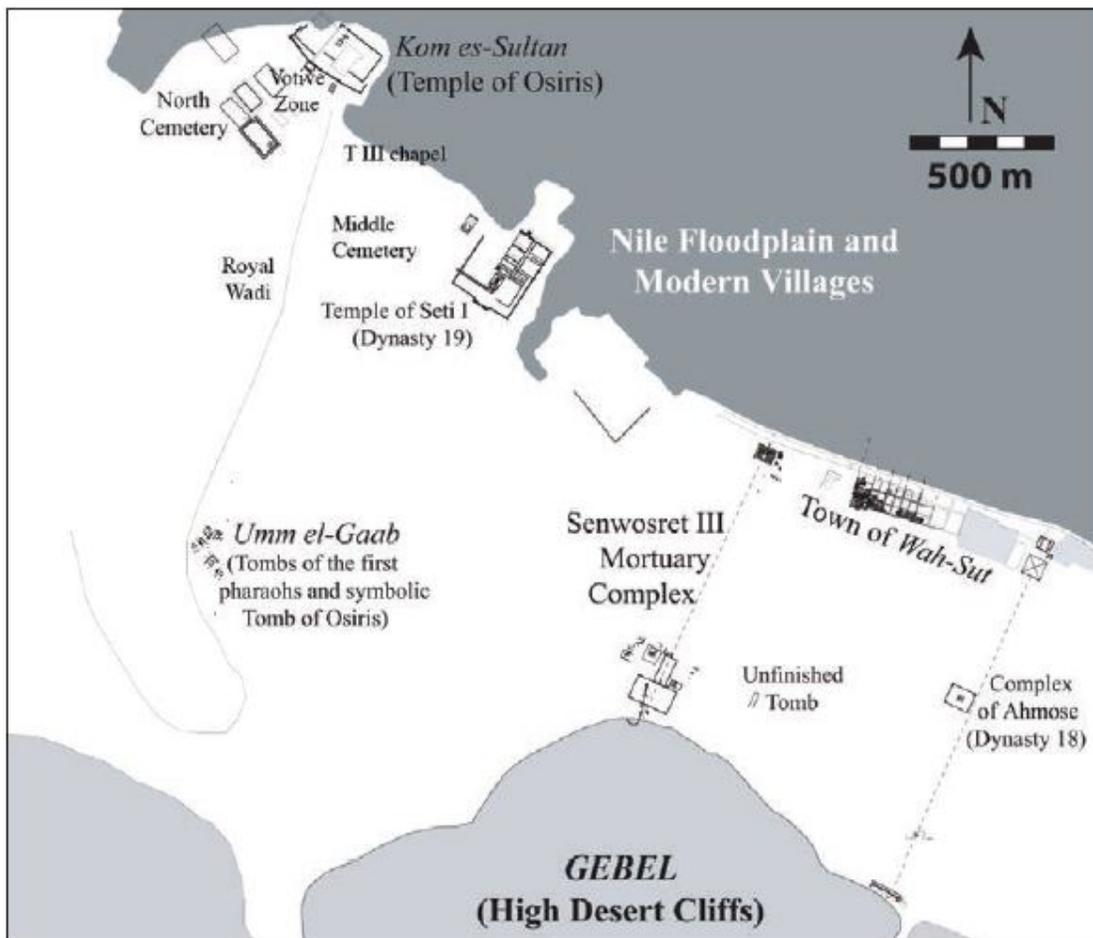


Figura 3. Fonte: RICHARDS, 2015, p.396

Possivelmente septuagenário, Weni não pôde subir as mesmas escadas pelas quais passaram Teti e Pepi I, nem se juntar a eles na jornada diária do sol de morte e renascimento eternos. Isso, mesmo naqueles tempos de mudanças, era privilégio da realeza. Antes de morrer, Weni teve tempo de preparar uma elegante tumba no local que hoje chamamos de *Middle Cemetery* em Abidos. Não é possível descartar a hipótese de que a tumba também pudesse ter sido construída por descendentes depois da sua morte, que parece ter ocorrido durante o reinado de Merenra. Mas o fiel oficial de três ou quatro reis não ficou desamparado no pós-vida. É

justamente isso que nos indica a porta para ir um pouco mais além na análise e mostrar que o que foi narrado até aqui está muito longe de ser apenas uma anedota.

2.2 Autobiografias funerárias egípcias

Os canais de irrigação construídos na Primeira Catarata, um decreto feito por Pepi I em Dashur que menciona Weni¹⁰⁸ e a própria existência de uma tumba que contém o texto autobiográfico do referido oficial parecem ser indícios suficientes para admitirmos que se trate de um personagem que existiu realmente. Mas, depois de conhecer sua narrativa de vida, e talvez até apreciar as suas aventuras ou se sensibilizar com o que foi feito aos Moradores da Areia, é preciso lidar com a possibilidade dela não ser o relato de acontecimentos verídicos e sim parte do sistema e de crenças funerárias não régias do período e que foram largamente compartilhadas por funcionários do alto escalão, com vista no pós-vida. No entanto, é necessário cuidado com os termos empregados. O que se separa hoje como real ou fictício não é o mesmo tipo de distinção que os egípcios em geral e do Reino Antigo Tardio em particular faziam. Vida material e imaterial não eram esferas separadas da existência e sim mescladas. Além disso, a egiptóloga alemã Maya Müller¹⁰⁹ acrescenta que o pós-vida era tão desigual quanto a vida “terrena”.

No Reino Antigo, os altos funcionários investiram muito da sua fortuna na construção de suas tumbas que, ao menos formalmente, eram obtidas mediante decretos ou como forma de presentes reais.¹¹⁰ As inscrições autobiográficas que foram encontradas em muitas delas deram

¹⁰⁸ KADISH, 2001, p.496.

¹⁰⁹ MÜLLER, 2001, p.32.

¹¹⁰ ALLEN, 2004, p14.

os primeiros passos para o surgimento de um tipo de literatura no Antigo Egito. O elencar dos títulos do morto, junto com alguns elementos narrativos é o que deu origem ao gênero das autobiografias funerárias. Seu formato não era tão ritualizado como as fórmulas de oferendas, deixando espaço para a criação. Elas se tornaram um importante gênero literário por milênios.

[Uma oferenda que o rei faz] ...
 que a invocação de oferendas possa ser feita por ele
 em cada dia de festival de oferendas ...
 [mil pães], mil cervejas, mil bois/gado,
 mil orix, mil gansos *tjerep*, mil gansos *te*,
 mil gansos *se*, mil gansos ...,
 mil (vasos) de alabastro, mil [peças de tecido (?)]¹¹¹

O trecho acima é a parte introdutória da biografia de Weni. “Uma oferenda que o rei faz” é parte do gênero textual das fórmulas de oferendas, uma prática escrita que elencava uma lista, que poderia ser bastante numerosa de bens e toda sorte de coisas boas que o morto iria precisar no pós-vida para manter vivo seu *ka*. Utilizava-se do poder criador da palavra para este fim. É a partir da incorporação destes elementos nas autobiografias que Lichtheim¹¹² afirma que elas tem origem naquele gênero.

Um importante exemplo é o conto de Sanehet, originário, do Reino Médio (2055-1650 AEC), que possui a estrutura de uma autobiografia funerária, mas é considerada uma obra literária. Segundo Lichtheim,¹¹³ o principal objetivo funerário das autobiografias era retratar os valores e as melhores características do sujeito frente à eternidade, para que o morto nunca fosse esquecido. O poder criador da palavra, expressando as virtudes, as oferendas e todo o necessário para o pós-morte, garantia-lhe a existência eterna. Mas, para isso, em tese, o morto deveria ter tido, em tese, uma vida equilibrada.

¹¹¹ TPA, p.352.

¹¹² LICHTHEIM, 1973, p.2-3.

¹¹³ LICHTHEIM, 1973, p.2-3.

Segundo Andrea Gnirs,¹¹⁴ há quatro tipos de biografias egípcias: as *históricas*, comuns nos Reino Antigo e Novo, relatam grandes feitos dos sujeitos e suas recompensas por isso, como promoções e acúmulo de riquezas; as *reflexivas*, populares no Reino Antigo, tematizam as regras éticas da elite e acabavam sendo considerados textos de sabedoria; as *confessionais*, uma forma de autobiografia reflexiva com a introdução de novos elementos religiosos a partir do Reino Novo, atribuindo as mudanças na vida do sujeito como consequência da intervenção do rei ou dos deuses; e as *encomiásticas*, comuns durante os Reinos Médio e Novo, que evocam temas de status social e sucesso profissional e mostram um forte senso de iniciativa pessoal, diferentes das do Reino Antigo, quando expressavam uma maior dependência do rei. No Reino Antigo, surgiram as biografias históricas e as reflexivas, que “podem ser vistas como as primeiras reflexões de uma sociedade monárquica sobre si mesma, sobre a individualidade e a história.”¹¹⁵ Oleg Berlev¹¹⁶ explica que a autoria das autobiografias é melhor compreendida como algo que foi feito a mando dos oficiais e não necessariamente escritas por eles.

As autobiografias funerárias, em sua maioria foram entalhadas ou pintadas na entrada das tumbas ou mastabas. João explica que “geralmente esses textos são escritos sob a forma de narrativa, na primeira pessoa do singular, precedidos por uma fórmula na qual são apresentados os nomes e os títulos da pessoa.”¹¹⁷ O texto segue narrando acontecimentos grandiosos ou singulares em que o sujeito prestou grandes serviços sob a ordem do rei, destacando as virtudes e omitindo erros, ou acontecimentos prejudiciais. Além de possuírem esse aspecto algo idealizado, João¹¹⁸ mostra que elas também são perpassadas por fórmulas que, à época, provavelmente representavam práticas religiosas muito mais antigas e que mantinham pelo

¹¹⁴ GNIRS, 2001, p.185-186.

¹¹⁵ GNIRS, 2001, p.186.

¹¹⁶ BERLEV, 1994, P.102.

¹¹⁷ JOÃO, 2008, p.53.

¹¹⁸ JOÃO, 2008, p.53-54.

apreço egípcio à tradição, tendo sentidos diversos àqueles apresentados em primeira vista.

Vejamos alguns trechos relatados em Weni:

Eu atuei em nome do rei para o harém real e para as Seis Grandes Mansões porque sua majestade preferia a mim do que qualquer um entre seus oficiais, seus nobres ou servos (...).

Eu estava enraizado em seu coração e seu coração estava repleto de mim (...).

Em todos os aspectos, eu agi de tal maneira que o rei me favorecia por isto acima de qualquer outro.¹¹⁹

Como, então, conduzir uma análise histórica de uma autobiografia nestas condições?

Como saber o que é real e o que é criação ritualística nas autobiografias? A historiadora Maria Thereza João afirma que “justamente em virtude do propósito a ser atingido com a autobiografia, esses textos apresentam um relato de homem ideal, muito mais que um espelho fiel da realidade.”¹²⁰ Paradoxalmente, as autobiografias do Reino Antigo são as únicas fontes restantes sobre alguns temas, como as campanhas militares na Palestina e na fronteira com a Núbia e são largamente citadas pelos pesquisadores. Egptólogos experientes como os citados Járomir Málek, Rosalie David ou Nicolás Grimal mencionam os acontecimentos de autobiografias; por vezes alertam o leitor de que são fontes dúbias, mas mantêm as afirmações conforme o texto. Pensamos que o “problema do problema” das autobiografias esteja justamente na ênfase em seu aspecto textual e nas discussões aporéticas sobre o que elas tem de real, o que é idealizado e o que é criação narrativa.

Pensamos que há uma fetichização das autobiografias enquanto texto. Isso é verificável, por exemplo, quando traduções delas são incluídas em coletâneas como *Ancient Egyptian Literature* de Miriam Lichtheim, publicação em três volumes publicados durante a década de 1970 e 1980. Outra coletânea importante é a de William Kelly Simpson, *The Literature of Ancient Egypt*, publicada em 2003. Um terceiro exemplo é o volume *Text from the Pyramid Age*,

¹¹⁹ TPA, p.353.

¹²⁰ JOÃO, 2015, p.54.

de Nigel Strudwich, que reúne documentos escritos de diferentes naturezas, para além do que poderíamos chamar de literatura. Por fim, podemos citar os oito volumes do *Urkunden Des Alten Reichs*, uma extensa coletânea de transcrições hieroglíficas, muitas delas copiadas de monumentos, feitas pelo alemão Kurt Sethe nas décadas de 1920 e 1930. Os quatro exemplos são fontes de pesquisa largamente citadas em trabalhos científicos, inclusive nesta dissertação, e o que trazem em comum é que disponibilizam pouca informação histórico-contextual e ainda menos de informações arqueológicas. Também cabe lembrar que as áreas que tradicionalmente trabalham a egiptologia, por vezes, não dialogam entre si: Arqueologia, História da Arte e Filologia.

Assim, para buscar elementos que subsidiem uma análise histórica da autobiografia de Weni, pensamos que é preciso superar este debate infrutífero sobre o que é verdade e o que não é nas autobiografias. No caso de Weni é ligeiramente possível cotejar as informações textuais com outras fontes, como referido anteriormente, mas na maioria das vezes não é assim e o estudioso acaba ficando refém da fonte e correndo o perigo de reproduzir seu discurso. Ao analisar o universo da biografia do mago Apolônio de Tiana, escrita pelo sofista grego Filóstrato no século III EC, um texto que circulou no império romano, mas com o mesmo tipo de problema das egípcias, Semíramis Corsi Silva propôs uma solução que nos parece bastante útil. Para Corsi Silva,¹²¹ em casos em que é difícil ou impossível afirmar o que há de real, verdadeiro, idealização ou mentira é preciso partir para análise do que tais afirmações ou omissões significam em seu contexto.

¹²¹ CORSI SILVA, 2014. Especialmente o Capítulo 2.

CAPÍTULO TRÊS:
MATERIALIDADE E VISUALIDADE

A autobiografia de Weni vem de sua tumba em Abidos e encontrava-se na parede de entrada da capela da mastaba, como é possível ver na Figura 4. Atualmente o texto autobiográfico, a porta falsa e os dois obeliscos que provavelmente estava junto à entrada estão expostos no Museu Egípcio do Cairo.

Proposta de reconstituição da capela da mastaba de Weni

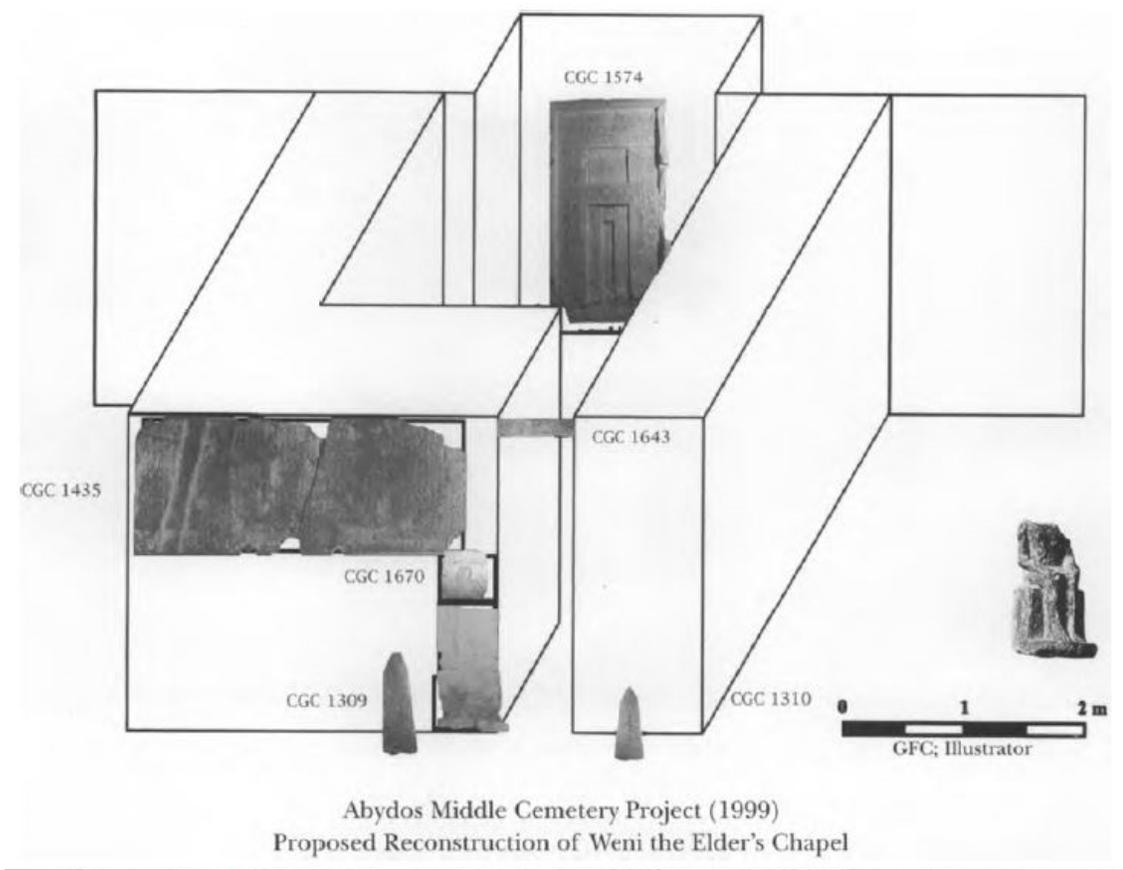


Figura 4. Fonte: RICHARDS, 2002. p. 96. Na referência CGC 1455 é o local de onde foi retirada a biografia que hoje está no Museu Egípcio.

A arqueóloga Janet Richards também propôs uma reconstituição da tumba:

Reconstituição da tumba

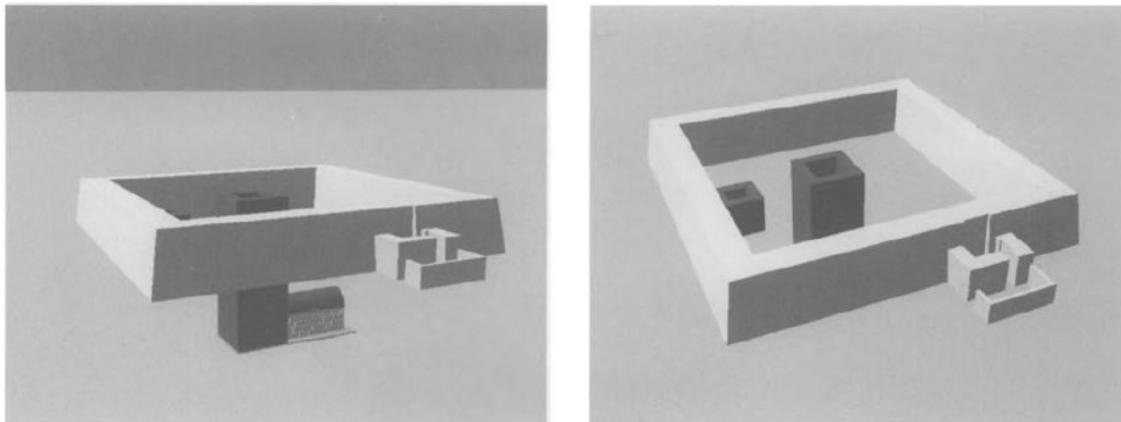


Figura 5. Fonte: RICHARDS, 2002, p.90.

Abaixo, uma fotografia da câmara subterrânea da tumba de Weni.

Câmara funerária subterrânea

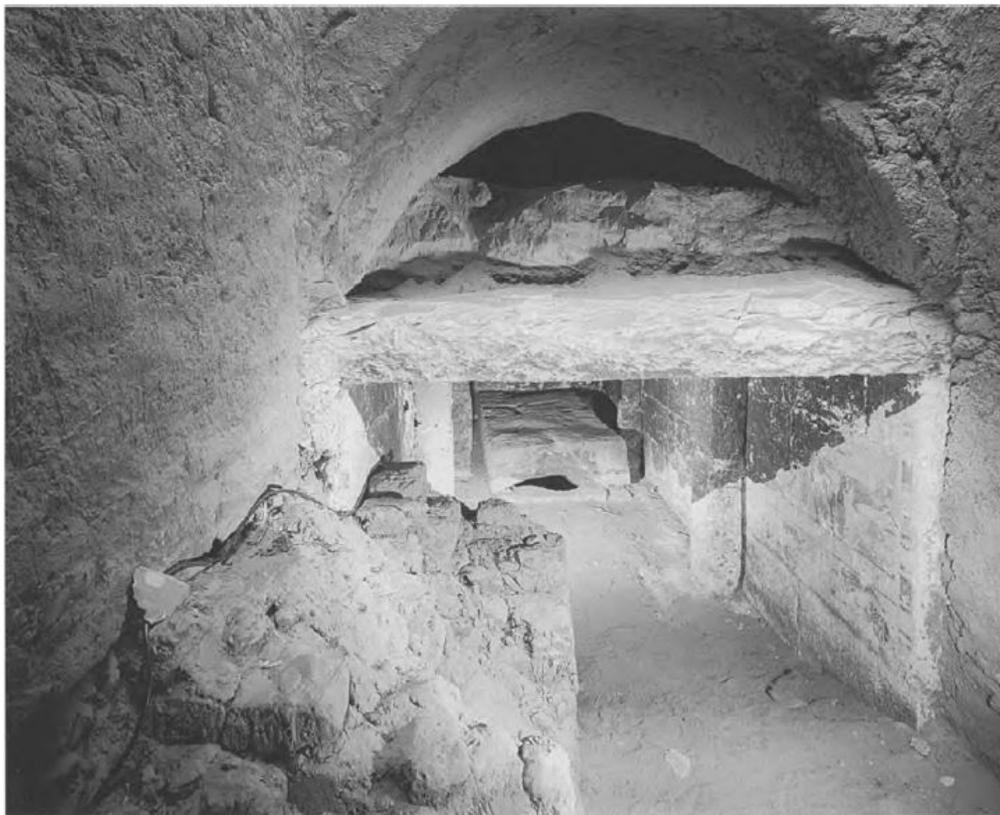


Figura 6. Fonte: RICHARDS, 2002, p.99.

3.1 A materialidade das autobiografias

Fala-se em dimensão e não uma disciplina porque os estudiosos de cultura material não reivindicam o status de disciplina para seu “objeto”, se nos perdoar pelo trocadilho. O antropólogo Daniel Miller¹²² explica que há algo a se ganhar com isso, a saber, a interdisciplinaridade em fronteiras flexíveis. Mas também implica em um campo que não é institucionalizado e que precisa, com frequência, ser justificado. É notório o interesse pelas coisas, trechos e troços nas mais diferentes áreas, como design, psicanálise, além da antropologia e, é claro, da arqueologia. A história não possui um tradição de estudos nesta linha. Pelo contrário, mesmo com um imenso alargamento da noção de fonte histórica ao longo do último século, os objetos parecem que falham na tentativa de despertar interesse dos historiadores.

Ulpiano Bezerra de Meneses, no início dos anos de 1980, quando o debate em torno da cultura material ainda não tinha ganhado o fôlego que tem hoje¹²³, escreveu uma definição que já nasceu clássica:

Por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modelam da forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se alinham objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas (uma sebe, um animal doméstico), e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é plausível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações, sinalações), ou, ainda seus arranjos espaciais (um desfile militar, uma cerimônia litúrgica).¹²⁴

¹²² MILLER, 2013.

¹²³ O movimento conhecido como *linguistic turn*, a partir dos anos de 1960, tendeu a reduzir tudo ao texto, à interpretação que o sujeito faz desse texto, considerando que a realidade é apenas uma construção autoral. O movimento chegou a tal ponto que houve uma hiper-relativização e atomização das interpretações. Em oposição, surge o chamado *material turn*, que explicita o limite material à intersubjetividade do sujeito. Demonstra que a análise está inscrita em uma realidade material que existe independente do humano; faz-se isso especialmente a partir do conceito de agência (TILEY, 2006).

¹²⁴ MENESES, 1983, p.112.

Embora esta definição seja muito importante, nela está implícita uma separação entre o material e o imaterial, algo que Miller critica. Para o antropólogo, na mesma proporção que não há dualismo entre objeto e sujeito, ou natureza e cultura, pois um pode ser o outro. A concretude da materialidade não se opõe ao indivíduo, integra-se a ele. Nesse sentido, o que ganha importância não é o objeto em si, mas sim suas relações. O objeto deve ser visto dentro das relações sociais.¹²⁵

A egiptologia também experimentou esse tipo de discussão. Paradoxalmente é um filólogo francês, Gaston Maspero, que, na passagem do século XIX para o XX, estabeleceu métodos científicos e de tratamento bastante sofisticados para a análise das coisas egípcias. Mas até a década de 1960 o foco dos egiptólogos, eram as construções de pedra e a busca por tumbas intactas e por “tesouros”. Assentamentos urbanos e construções de tijolos eram ignoradas. Somente com o projeto da Unesco de salvamento dos sítios da Núbia e do sul do Egito para a construção da represa de Assuã é que a arqueologia egípcia encontra mudanças significativas. O projeto contratou arqueólogos do mundo todo, muitos dos quais não tinham formação em egiptologia. Mas a tinham em pré-história europeia, em antropologia, em geologia, em botânica, etc. Estes *outsiders*, muitos dos quais permaneceram na egiptologia após o projeto, introduziram na disciplina um forte interesse no cotidiano de pessoas comuns. A principal contribuição foi num deslocamento epistemológico. Também na arqueologia egípcia deixou-se de se preocupar excessivamente com o objeto em si e passou a buscar as relações sociais que podem ser acessadas a partir de tais objetos.¹²⁶

Depois de Auguste Mariette ter descoberto e catalogado as tumbas do *Middle Cemetery* no início na segunda metade do século XIX, somente na década de 1990 que ela foi “redescoberta” e voltou a ser discutida arqueologicamente. A egiptóloga estadunidense Janet Richards liderou dois importantes projetos que investigaram a tumba de Weni e suas

¹²⁵ MILLER, 2013,

¹²⁶ WEEKS, 2001, p.104-109.

proximidades. Anteriormente apresentamos o texto, agora apresentamos sua materialidade, que não se resume o seu “suporte” e seus significados, mas traz contribuições que consideramos relevantes para compreender tanto a trajetória de um sujeito como Weni, quanto as relações sociais que permeiam sua vida e que só podem ser obtidas mediante o exame da materialidade.

3.1.1 Objeto e *habitus*

Um dos pontos iniciais da esfera da objetificação¹²⁷ propostos por Christopher Tilley é a relação entre o objeto e *habitus*. Os estudos de cultura material não escondem sua ligação com a sociologia do francês Pierre Bourdieu, não só na maneira pela qual ele trata o aspecto relacional das “coisas”, mas também pela sua noção de *habitus*, que pode ser definida resumidamente aqui como a infinidade de configuração e manifestações de comportamentos e ações. Para Tilley, a manifestação material do *habitus* é tangível pela sua expressão material,¹²⁸ sendo que “a prática social no mundo do objeto surge [dele] ou esquema e dispositivos gerativos que são em si produto desse mundo.”¹²⁹

¹²⁷ Objetificação ou até mesmo coisificação, para os estudos de cultura material, não é o mesmo que reificação. Simplesmente busca colocar na mesma esfera de análise e de existência o material e o imaterial.

¹²⁸ TILLEY, 2006, p.64.

¹²⁹ TILLEY, 2006, p.65.

3.1.2 Aspecto relacional

O segundo ponto indicado por Tilley que é importante nesta análise é o aspecto relacional do objeto. Como dito acima, o estudo das relações sociais através dos objetos não é novidade (também não é amplamente disseminado) na egiptologia há pelo menos 50 nos. Mesmo assim, ainda há uma separação do que é material e do que é imaterial nas análises. Isso é bem evidente nos estudos da religião egípcia, que tendem a abstrair exageradamente do mundo social as crenças e ideias religiosas. Max Weber tem uma forte presença na análise do Estado egípcio; não seria de se estranhar se a ideia de “tipo ideal” do sociólogo alemão também fosse apropriado nas análises do fenômeno religioso. Por outro lado, há estudos arqueológicos que se dedicam apenas a equacionar padrões ou são uma descrição física do objeto. O que queremos trazer para a análise da autobiografia de Weni é seu aspecto relacional no sentido que Miller dá à indissociabilidade entre material e imaterial e daquela que Tilley apresenta como tendo um percurso de duas vias. Em outras palavras, o objeto produz relações sociais e é produzido por elas. O processo de produção e reprodução das relações e do objeto se dá no *habitus*. Ainda poderíamos lembrar de Meneses, quando ele falou há décadas que é preciso ver o artefato como “produto e como vetor de relações sociais.”¹³⁰

Para demonstrar o que estamos defendendo vamos fazer um percurso pelas biografias que perpassam a biografia do objeto. Trazemos para o debate alguns problemas da biografia como ela é pensada na sociologia e na escrita da história. O primeiro deles é a noção de *ilusão biográfica*, proposto por Bourdieu.¹³¹ Para o sociólogo o problema da escrita da biografia, em primeiro lugar, é acreditar que uma vida pode ser escrita em algum tipo de ordem, pois admitir que existe uma ordem é admitir que existe um sentido pré-determinado, um lugar marcado para

¹³⁰ MENESES, 1983, p113.

¹³¹ BOURDIEU, 1996.

partir e para chegar, um *telos*. Da mesma forma ao pensar a biografia do objeto é preciso ter em mente que o processo de feitura do artefato, assim como a tessitura da relação social não são feitos num sentido linear ou pré-determinado. Eles ocorrem dentro do *habitus* a partir das infundáveis configurações que podem assumir, mediados pela tradição. Ao pensar em uma tumba como objeto, a ideia da feitura de tal coisa pressuporia um *telos* em primeira instância (o uso da tumba depois da morte do indivíduo). Mas o processo pelo qual ele é desenvolvido se dá a partir de uma “série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente, em um mesmo espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes.”¹³² No caso de Weni, é preciso ter em mente que ele inicia a construção de sua tumba ainda quando serve em Mênfis,¹³³ evidenciando que a construção de sua morada da eternidade era um processo longo e que poderia seguir por rumos os mais diversos. Era preciso aproveitar os recursos disponíveis e iniciar a construção da tumba assim que fosse possível.

O segundo é o dado por Luiz Alberto Grijó¹³⁴ quando se questiona sobre as fontes biográficas na escrita da História. Para o autor, quando o historiador passa a buscar a biografia de um sujeito, que pode ser individual ou coletivo, é preciso cuidado para não comprar e reproduzir o discurso da ilusão biográfica. Ele chama isso de *arché-telos*,¹³⁵ ou seja, a tendência de observar o sujeito no início de sua trajetória e já enxergar o sujeito que ele viria a se tornar. Seria o equivalente a pensar no juvenzinho que amarrou sua bandana no reinado de Teti já como o poderoso Governador do Alto Egito. Aproximando essa reflexão com a tumba de Weni, é preciso cuidado para não observar o produto final como algo que já nasceu pronto e que não passou por um longo processo de planejamento, de busca por recursos, de replanejamento, de problemas durante o processo de levantamento das paredes, etc. Falamos de um trabalho que pode ter levado uma década para se concluir. O que vemos da tumba e do texto em suas paredes

¹³² BOURDIEU, 1996, p.4.

¹³³ TPA, p.353.

¹³⁴ GRIJÓ, 2008.

¹³⁵ GRIJÓ, 2008, p.2.

é a ponta do *iceberg* do processo todo. E é dentro desse processo, dos diferentes deslocamentos, da biografia do objeto que se evidenciam as relações sociais produzidas pelo objeto e o objeto sendo produzido pelas relações sociais. Também fornece pistas sobre a maneira pela qual se estabelece a permanência e a mudança por intermédio da *agência* dentro do leque de possibilidades e limites que a autoriza.

Agência é um conceito de usos variados e que ainda está em construção. No que se refere à arqueologia, Dobres e Robb¹³⁶ apresentam a complexidade do conceito. Em primeiro lugar é importante frisar que “agência é uma significativa característica de ação social, mais do que sinônimo ou redução à ação em si.”¹³⁷ A agência também pressupõe reprodução social e intencionalidade, mas como desvendar a intencionalidade individual ou coletiva da agência na arqueologia? Dobres e Robb também alertam que a agência se dá em diferentes escalas, a saber, individual, múltiplas e de grupos. Se a agência pressupõe a reprodução social dentro do *habitus*, como explicar a mudança? Os autores defendem que a cultura material é um laboratório para se pensar essa questão.

Debates sobre a agência foram travados a partir de artefatos feitos por indivíduos, como a cerâmica, mas pode ser analisada socialmente pensando em como o objeto foi feito e por quem. Os objetos não constroem o mundo onde as pessoas agem; constroem as pessoas. E falando na relação entre pessoas, há de se falar em poder. A agência é um também conceito político. Se não for usado com cuidado, pode reproduzir e naturalizar formas de dominação.¹³⁸ Vale lembrar que, como diz Tilley, a biografia da pessoa pode ser a biografia da coisa, contando com a agência da pessoa e agência da coisa. A agência está em várias esferas: no objeto, no sujeito quando age e no sujeito quando analisa.¹³⁹

¹³⁶ DOBRES; ROBB, 2000.

¹³⁷ DOBRES; ROBB, 2000, p.8.

¹³⁸ DOBRES; ROBB, 2000, p.10-13.

¹³⁹ TILLEY, 2006, p.63.

3.1.3 Biografia do objeto

O objeto não é documento. Ele possui uma existência material que independe das pessoas e dos sentidos a ele atribuídos por elas. Penso que isso pode ser aplicado inclusive para objetos manufaturados ou para o espaço. Ele passa a ser documento na medida em que é analisado. Passa a ser fonte histórica quando uma pessoa historiadora o inquirir, endereçando-lhe perguntas e atribuindo-lhe sentidos. Esses sentidos, no entanto, podem nublar a busca pela biografia do objeto. Ulpiano Meseses defendeu que é preciso uma “desdocumentalização” para recuperar as “diversas trajetórias do artefato.”¹⁴⁰ O autor também explica que “esta perspectiva requer que se dê à produção e ao consumo igual peso ao que é dado ao produto. Dessa forma consegue-se desfeticizar o artefato.”¹⁴¹

O processo de feitura da tumba de reis e de pessoas da elite egípcia era algo que levava bastante tempo e demandava o esforço de um grande contingente de pessoas. No Livro Dois de *Histórias*, Euterpe, Heródoto explica que a pirâmide Khufu levou mais de 20 anos para ser erguida e que cem mil pessoas trabalharam no projeto. Esta visão é bastante criticada pela egiptologia a partir dos argumentos de que seria impossível tantas pessoas trabalharem naquele espaço. Não queremos dizer que o grego está certo em sua informação obtida quase dois mil anos depois, mas o que os estudiosos parecem esquecer que, ao longo dos prováveis vinte anos de trabalhos, muitas pessoas viveram, morreram e novas pessoas foram incorporadas aos grupos de trabalho. Além disso, nas estruturas conhecidas como Cidades das Pirâmides havia um imenso sistema de logística que cuidava da alimentação, cuidados médicos, moradia, e

¹⁴⁰ 1983, p.110.

¹⁴¹ MENESES, 1983, p.110.

pagamento em *ex-officio* dos construtores e “pessoal de apoio”. Não raro, estas cidades acabavam se tornando cidades permanentes. Um exemplo é Men-Nefer, a Cidade da Pirâmide de Pepi I nas imediações da então capital Muros Brancos, durante a VI Dinastia. Séculos depois, no Reino Médio, Men-Nefer e Muros Brancos apresentaram um processo de conurbação quando o nome da cidade da pirâmide sobrepôs à cidade mais antiga. Men-Nefer foi chamada pelos gregos e entrou para a posteridade como Mênfis.

Outro aspecto que os egiptólogos parecem esquecer de contabilizar quando se opõem aos cem mil de Heródoto são as pessoas que trabalhavam nas pedreiras e nos transportes. As mais produtivas eram as de Tura, próxima à Mênfis e a Giza, mas na margem oriental do Nilo, demandando que fossem atravessadas para o outro lado, a ocidental, onde as tumbas e pirâmides eram construídas, com exceção às do período amarniano. A outra mais produtiva era em Assuã, mais de 800 km ao sul, o que demandava também um complexo sistema de transporte das pedras pelo rio, a construção e a manutenção de barcaças fortes para aguentarem o peso das peças de granito. Tudo isso transportando-as para variadas partes do Egito, pois há pirâmides e necrópoles ao longo de todo o país. Certamente não foram 100 mil pessoas, mas foram muitas milhares.

Além disso, é preciso mencionar o regime de trabalho dos trabalhadores egípcios. Não é incomum que se pense que escravos levantavam as obras públicas dos reis e faraós sob o chicote inclemente dos soldados e oficiais. Embora, assim como vários outros documentos, Weni, quando voltou das suas campanhas militares, mencione ter trazido cativos,¹⁴² a escravidão do Egito precisa ser pensada com cuidado. O sistema sazonal era dividido em três estações com cerca de 4 meses cada: *Akhet* (inundação), *Peret* (semeadura e colheita) e *Shemu* (seca).¹⁴³ Os camponeses trabalhavam no plantio, na manutenção das plantações e na colheita

¹⁴² TPA, p.355.

¹⁴³ BAKOS, 2001, p.87.

durante 8 meses do ano, sendo o ritmo do Nilo o que determinava a organização do trabalho.¹⁴⁴ As obras públicas eram feitas nos outros 4 meses, durante a inundação. Os camponeses eram alimentados e pagos com os excedentes da produção das duas estações anteriores. Loprieno¹⁴⁵ explica que esse sistema de trabalho não dependia da escravidão, pois os próprios egípcios eram encarregados do trabalho nos campos, nas pedreiras, na manutenção e construção de obras para o rei. No entanto, o autor enfatiza que dentro deste sistema, havia muitas formas de dominação, de subjugação e de manutenção dos estamentos. Sabemos que esses cativos existiam no período, mas não sabemos qual seu destino. Nos palácios Pré-Dinásticos de Hieracômpolis havia um pátio destinado à execução em massa de prisioneiros de guerra com a maça ritualística do rei. Isso pode nos dar alguma ideia do que era feito deles.

Durante a estação da cheia, os reis convocavam pessoas de todo o Egito para a atuação nos seus projetos. Em uma escala menor, em Abidos, Weni administra a atuação dos moradores locais na construção de canais, na manutenção do templo, mas também para a construção de sua tumba. Não está descartado que ele poderia convocar alguns dos melhores artesãos de Mênfis para trabalharem no acabamento de sua morada da eternidade. Poderia também ter mandado trazer seu sarcófago, pronto há alguns anos, da capital para ser instalado na mastaba no *Middle Cemetery*. Janet Richards¹⁴⁶ lembra que há alguns anos há uma desconfiança de que a tumba de Weni em Abidos seja um cenotáfio e que a verdadeira estaria em Saqqara, em Mênfis, junto como outras da elite de Abidos do mesmo período. Há inclusive o fragmento de um texto encontrado no local que pode ser uma primeira versão da biografia do oficial.

Embora ainda seja uma hipótese plausível, consideramos que é muito mais provável que o fragmento de Mênfis seja oriundo de uma primeira tumba de Weni e a de Abidos seja uma segunda, na qual ele foi sepultado. Richards também explica que o Vizir Iuu cuja tumba está

¹⁴⁴ BAKOS, 2001, P.57-58.

¹⁴⁵ LOPRIENO, 1994.

¹⁴⁶ RICHARDS, 2017.

nas proximidades da de Weni, é seu pai, o que indicaria uma origem em Abidos e, no fim da vida, a possibilidade de ser sepultado no seu lugar de nascimento. Também contradiz a versão que Weni constrói de si mesmo como sendo alguém de origem humilde, sendo provavelmente de origem aristocrática.

Middle Cemetery com a mastaba de Weni e os arredores

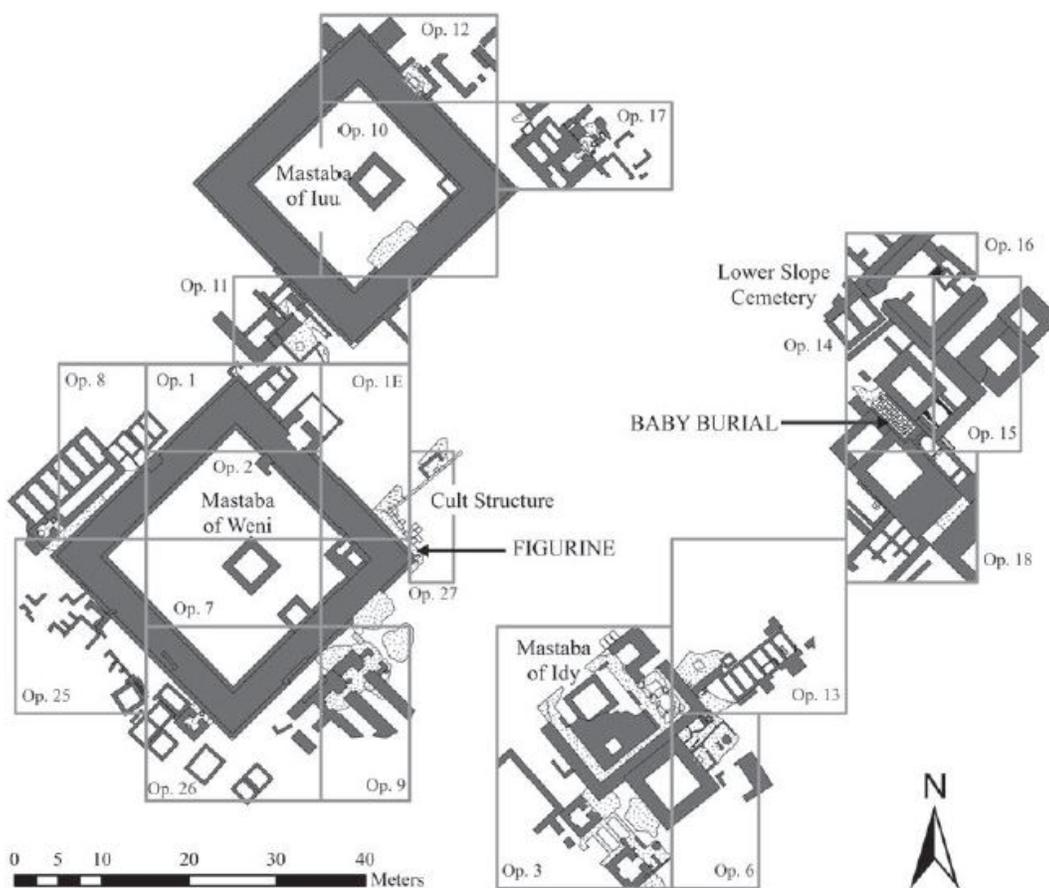


Figura 7. Fonte: RICHARDS, 2015, p.398.

Outro ponto que nos parece relevante é pensar a produção como reprodução. Quando Weni e seus arquitetos e sacerdotes concebem uma tumba no formato de uma mastaba, quando

planejam quais cenas vão ser entalhadas ou pintadas nas paredes, quais fórmulas mágicas vão ser utilizadas, etc., eles estão reproduzindo um seu sistema de crenças religiosas. É possível também especular que parte dos construtores que colocavam e alinhavam as pedras na posição correta também soubesse o que aqueles elementos arquitetônicos significavam, tanto em termos religiosos, quanto políticos.

No sentido religioso podemos pensar em duas situações. A primeira é o contexto de mudanças nas crenças funerárias da elite do período, como indicado acima. Já no sentido político, sem separá-lo do anterior, basta pensar que com o culto de Osíris, especialmente em um local como Abidos, estava atraindo pessoas comuns na busca da possibilidade de imortalidade através desse potentado local. Após a dissolução da capacidade centralizadora do rei no final do Reino Antigo, mais especificamente na segunda metade do reino de Pepi II, começam a aparecer registros do crescimento do poder da elite local. Estes senhores assumem o poder político e religioso, inclusive com as prerrogativas régias de intermediar ordem (*maat*) entre divindades e pessoas e de darem imortalidade aos seus clientes (pensando numa relação de clientelismo e patronato).

Nos estudos da biografia do objeto, Tilley também fala na circulação. Num primeiro momento pode causar algum estranhamento falar em circulação de uma tumba que, afinal, está fixa no solo. Mas não parece tão estranho depois de pensar que ela passou por um processo de construção que não foi linear e que, podemos conjecturar, não foi isento de problemas. Aqui cabe a pergunta: quem circula? Severin Fowles¹⁴⁷ lembra que a pessoa faz o objeto e o objeto também faz a pessoa; a pessoa não é a mesma depois de fazer um objeto. Se partirmos daí podemos pensar que quem circula não é a tumba, mas as pessoas que a ela estão relacionadas e que portam os sentidos construídos junto à materialidade e que possuem e se objetivam através

¹⁴⁷ FOWLES, 2010.

da materialidade. Por isso achamos plausível pensar a noção de circulação junto com a de consumo.

O que poderíamos chamar de consumo da tumba vai muito além dela. É sabido que a construção demanda a mobilização de muitos recursos. Há a possibilidade, que pode não se concretizar, de o funcionário obter o favor do rei para a concessão do direito de construir uma. Não existe, no Egito a noção de propriedade privada como a conhecemos. Não havia meios de um funcionário, mesmo um de alto escalão como Weni, simplesmente adquirir um terreno na necrópole e decidir construir sua tumba. Era necessária a autorização do rei.¹⁴⁸ Em muitas biografias, inclusive na estudada aqui, é mencionado essa característica. Málek¹⁴⁹ explica que todo o poderio simbólico e econômico de um oficial vinha diretamente do rei. A legitimidade do poder dele nas províncias só se dava mediante sua proximidade ou relação com o rei. Mesmo os senhores locais nos momentos em que gozaram de mais autonomia em relação à capital, vinculavam seu poder ao faraonato. Quando o servidor era designado para um cargo, recebia do rei propriedades e os trabalhadores que nela estavam para garantir a produção de sua fortuna, além de poder ficar com parte dos tributos e com o que eventualmente “caía fora do saco”. Da mesma forma, sempre havia a possibilidade de o sujeito cair em desgraça e perder tudo de uma hora para outra: as propriedades, os rendimentos, os trabalhadores e ser executado junto com toda a sua família diante de uma situação como a ascensão de outro rei de uma facção oposta ou mesmo diante da possibilidade de um complô.

Qual seja o destino de Weni depois de sua morte, o consumo da tumba possui outras esferas que estão muito mais próximas da vida do que para o que possa haver além dela. A construção da tumba é também uma marca de diferenciação social. O lento processo de produção, decoração e também o culto funerário *post mortem* são indicativos disso. Se não era possível para os meios sociais da elite saber com certeza qual era o tamanho da fortuna do

¹⁴⁸ JOÃO, 2015.

¹⁴⁹ MÁLEK, 2003.

Governador, a tumba serviria para dar uma ideia. Também servia como um contraponto político. Weni serviu em Abidos na mesma época em que o Vizir e as duas rainhas principais eram filhos de Khui, o mesmo potentado de Abidos citado anteriormente. A tumba, nesse sentido, é a presença de Weni. Mostra que ele é um agente do estado e que está ali para ficar. Não é de pressupor que houvesse interesses divergentes entre a elite de Abidos e o faraonato, mesmo que Djau, o referido Vizir, tenha sido, aparentemente, um servidor bastante leal. Poderoso, riquíssimo, mas leal.

Outro flagrante é o próprio consumo das crenças religiosas do culto funerário osiriano no local onde ele nasceu e se consolidou. O formato da mastaba é um indicativo desse processo. Embora elas já existissem no Pré-Dinástico e no Dinástico Inicial, muito antes do culto de Osíris surgir, nesse período elas reportam diretamente a esse deus e se opõem à crença do acesso à imortalidade exclusivamente mediante favor do rei. Mas o soberano não perde sua importância. Allen lembra que, mesmo diante das novas crenças funerárias que permitem a obtenção da imortalidade através do deus verde, o rei permanece fundamental.¹⁵⁰ O próprio Weni usa dos recursos mágico-verbais para eternizar sua proximidade com os reis a quem serviu e sua lealdade a eles. As referidas crenças também estavam sendo disseminadas na população pois as tumbas de alguns casos de potentados locais se tornaram santuário, sendo o defunto morador do local deificado. Não é incomum haver enterramentos rasos da não-elite nas proximidades e também ex-votos e oferendas votivas endereçadas ao morto, como pode-se ver na Figura 7.

O culto funerário do morto era muito importante. O sujeito poderia deixar parte de suas propriedades a um sacerdote funerário para que este realizasse periodicamente os ritos necessários à sobrevivência do espírito no Ocidente. Mas, para Moreno García, esta tarefa cabia principalmente à família nuclear ou extensiva.

¹⁵⁰ ALLEN, 2004, p.13.

O culto ao antepassado – real ou fictício – também constitui um indício da existência de famílias com uma clara consciência de pertencerem a uma linhagem prestigiosa, de onde os descendentes se reconhecem como membros de um mesmo grupo de parentesco¹⁵¹

O culto do ancestral ilustre poderia ser o catalisador das novas formas de configuração da hierarquia na família e poderia mantê-la unida, algo mais importante política do que afetivamente, no caso. A tumba, assim, era convertida em um santuário legitimador do poder do novo senhor, que era descendente do morto.

Meneses, ao analisar as objeções que os historiadores faziam ao diálogo com a cultura material menciona que os mesmos alegavam as coisas que ficam no sítio são objetos descartados e, por isso, perdem seu valor dentro daquela cultura.¹⁵² Em se tratando de uma tumba, ou mesmo toda uma necrópole, há vários fatores que podem ocasionar o descarte ou o abandono do local. Um deles pode ser ocasionado por crises. O Nilo embora tivesse uma cheia estável, por vezes, vinha insuficiente ou ia além dos limites, inundando cidades, destruindo cemitérios, invadindo os celeiros e apodrecendo os grãos da colheita anterior. Não raro isso gerava uma crise de abastecimento, tanto no ano da cheia quanto no ano seguinte. E poderia ficar muito pior se a próxima inundações fosse irregular novamente. Se os meios de subsistência e a segurança alimentar não estão garantidos, as crenças e práticas funerárias, bem como a própria ideia de *maat* (justiça, verdade, ordem) pode ser “relativizada”. Bastaria ver o texto conhecido como Admoestações de Ipu-ur,¹⁵³ em que o protagonista descreve, seja em forma de relato ou de criação literária, uma época de instabilidade política, social e econômica em que as normas e valores socioculturais egípcios estão suspensos.

No contexto das tumbas privadas é flagrante uma situação que mostra que a penetração das crenças da religião funerária nem sempre era tão forte. Não era incomum o morto deixar

¹⁵¹ MORENO GARCÍA, 2006, p.135.

¹⁵² MENESES, 1983, p.107

¹⁵³ ARAÚJO, 2000, p.176-191.

em testamento uma propriedade para um sacerdote e seus descendentes terem a responsabilidade de oferecer culto funerário para o morto pela eternidade. Mas, o que ocorria era que essa atividade durava pouco tempo e o responsável simplesmente deixava de realizar os ritos. Em algumas autobiografias do mesmo período, como a do Governador da cidade de Elefantina, Harkhuf, que está em sua tumba na necrópole de Qebett el-Hawa, está o trecho chamado na egiptologia como “apelo aos vivos”, em que o morto pede aos transeuntes que lhe façam oferendas, pois, sendo um *imakhu*, ele pode utilizar seu *akh*, uma espécie de espírito potente com poderes criadores, para realizar o pedido do sujeito; isso sem contar que pode ir aos deuses e pedir pessoalmente.¹⁵⁴ O contrário também vale. Alguns ameaçavam os que não se dispusessem a ofertar.

O outro fator que poderia gerar um descarte é a instabilidade política, que tornava as fronteiras frágeis e dava espaço para invasões. Este não parece ser o caso do Reino Antigo Tardio, embora problemas nas fronteiras estivessem no horizonte. Se, como disse Assmann,¹⁵⁵ existia uma grande discrepância entre elite e ordens inferiores, entre culturas locais e cultura da corte, havia discrepância entre interesses. Cabe lembrar que isso que se chama de crise ou colapso é descrito fundamentalmente a parti de critérios régios e evidencia uma unilateralidade discursiva. Maria Thereza João¹⁵⁶ mostra que, embora o discurso “oficial” do faraonato fosse de unidade política, na prática, o governo sempre funcionou de maneira fragmentada. Ou seja, o aumento de poder das elites provinciais do Reino Antigo não foi a causa da crise, mas, com efeito, essa situação permitiu que outros agentes passassem a ter destaque ao mesmo tempo que o poder central. Mas o fato é que o contexto do período posterior à morte de Weni, foi de fragmentação política e mudanças no agir das elites governantes podem ser notadas. Por todo o país, facções disputavam o controle de suas regiões, assim como em Mênfis, disputava-se o

¹⁵⁴ TPA, p.327-333.

¹⁵⁵ ASSMANN, 2002, p.49

¹⁵⁶ JOÃO, 2015.

poder real. A guerra civil é um fator que também pode fazer com que se abandone o culto e a manutenção da tumba, não só por medo, mas também pela possibilidade real das elites anteriores serem solapadas pelas novas.

Os egípcios acreditavam que a pedra era eterna. O que era feito de pedra ou escrito nela duraria pela eternidade, como as pirâmides. Mesmo sem a crença egípcia, há de se perceber que os monumentos em pedra duram mais, assim como as inscrições epigráficas no mesmo material. Duram mais do que a pessoa que as fez, duram gerações, sobrevivem aos seus criadores. Não é de se estranhar que um espaço como uma tumba, depois de ser abandonado por fatores diversos, possa ser utilizado para outros fins, por outras pessoas. Nem o corpo de Weni, nem suas oferendas ou seu enxoval funerário sobreviveram ao tempo e aos saqueadores.

O que pode surpreender é que os saques aconteciam desde a mais remota antiguidade e poderiam ser feitos pelos próprios egípcios. As pirâmides maiores e as tumbas de potentados locais foram saqueadas pelos próprios egípcios no Primeiro Período Intermediário e um dos usos feitos com o espólio provavelmente era o de material de troca por alimentos. Era tarefa dos poderes locais, ligados ao Estado, fazerem a administração do plantio e da colheita e obras públicas. Caso isso não fosse providenciado, como ocorria em períodos de instabilidade ou de grande efervescência política, as pessoas agem como podem para sobreviver. Põem de lado as crenças e os valores mais arraigados e lutam para sobreviver. Não é raro encontrar referência ao canibalismo, mostrando pais devorando seus filhos para saciarem a fome. Embora possa ser uma peça de propaganda política às elites, o texto mencionado acima, Admoestações de Ipu-ur, faz uma descrição bastante trágica dos terríveis efeitos da ausência de um rei forte.

Passado o período de turbulência, que não foram poucos no Egito, aquelas estruturas abandonadas há décadas ou até mesmo séculos são redescobertas e podem ser reutilizadas por outras pessoas, inclusive da elite. É notório o caso da múmia do jovem na faixa dos vinte anos

que foi encontrado no sarcófago da pirâmide de Pepi II.¹⁵⁷ Há quem queira acreditar que seja próprio rei, mas é sabido que Pepi II morreu em idade avançada, depois do mais longo governo da história faraônica: 94 anos para os mais otimistas ou cerca de 65 para os mais céticos. Depois de passado muito tempo, as crenças osirianas tornaram-se um pouco mais difundidas e pessoas da não-elite, por vezes, conseguiam acesso a determinados bens que permitiam que seguissem o caminho para o *Dwat*, morada dos morto. Como era necessário uma tumba, não é de se estranhar que aquelas estruturas antigas e em desuso fossem apropriadas por terceiros. Possivelmente não sabiam ler ou não dominavam as formas escritas do egípcio arcaico, não dando importância aos ritos específicos e nominais aos dono anterior.

Parece importante ressaltar uma ressignificação do texto das autobiografias. Podemos sugerir que pessoas da não-elite não podiam ler as palavras nas paredes, mas certamente os elementos visuais eram conhecidos. A escrita hieroglífica egípcia possui esse caráter artístico e mágico. Em termos práticos, ela era feita muito mais para ser vista do que para ser lida, se tomarmos em conta o grau de analfabetismo da população e o uso de outras formas de escrita para assuntos “mundanos” da época, como o hieroglífico cursivo e o hierático. No entanto, junto à elite letrada do Reino Médio surgiu um elemento muito importante na cultura egípcia, o lealismo. É o tema de alguns dos mais importante textos egípcios como o próprio Conto de Sanehet. E as biografias do Reino Antigo se prestavam a servir como exemplos de homens (porque não há biografias de mulheres neste período) de lealdade, estando Weni como uma figura importante nesse contexto, uma vez que havia o imaginário de que o Reino Antigo havia sido uma época repleta de sábios, como Imhotep, Rahotep e até o próprio flagelo dos Moradores da Areia.

Outro aspecto desta referência à personalidade antigas é que a Literatura Sapiencial, ou Ensinamentos, surgida no Reino Médio, embora provavelmente já existisse na oralidade há

¹⁵⁷ RICE, 2004, p.150-151.

muito mais tempo, construía a imagem do sujeito ideal como Weni descreveu a si mesmo. Repleto de virtudes como lealdade, retidão, discricção, eficiência, zeloso pela sua reputação, humilde, obediente e que colocasse a vontade do rei acima da sua. Nesse sentido, a existência da autobiografia entalhada na tumba servia como exemplo de um sujeito da antiguidade egípcia que ilustrava tais assertivas. Claro que essa literatura era feita pela elite e para a elite. Muitas das cópias de papiros que nos chegaram são fragmentos de exercícios de escrita realizados por escribas em treinamentos, contendo erros gramaticais, inclusive. Atualmente não sabemos muito sobre as crenças, valores e práticas da não elite, embora o quadro esteja mudando através do interesse dos arqueólogos pelas pessoas comuns, em escavações como a vila dos trabalhadores de Amarna, o vilarejo dos construtores de tumbas de Deir el-Medina, ou a Cidade da Pirâmide de Senwosret II, chamada de Lahun. E o que elas mostram é que a variação regional é muito grande. Há um outro Egito sob as areias.

3.1.4 A Biografia: do museu para a internet

A eternidade da pedra egípcia não é uma hipérbole. A autobiografia de Weni foi recortada das paredes de sua tumba e está hoje exposta no Museu do Cairo. Não é uma peça que chame muito a atenção por ter elementos da visualidade egípcia muito diferentes das de peças icônicas, como a máscara de Tutankhamon, as estátuas de Ramsés II, etc. Está exposta também junto com os pequenos obeliscos e com as estátuas encontradas na mastaba. Ela encontra agora novos significados e apropriações. Mas talvez o mais difícil de lidar seja a separação física do texto com seu contexto, com a tumba que ficou em Abidos. A maioria dos estudiosos tem acesso somente ao texto copiado pelo alemão Kurt Sethe nos anos 1920 e

publicado no primeiro volume do *Urkunden Des Alten Reichs* (Documentos do Reino Antigo). Somente o texto com alguns comentários filológicos. Mas, com os recentes projetos arqueológicos, especialmente os de Richards, começa a surgir uma problematização sobre o assunto e o texto volta ao contexto.

Obeliscos originalmente na tumba de Weni



Figura 8. Fonte: CGC 1309, 1310. Museu Egípcio. RICHARDS, 2002, p.81.

Certamente foi a partir da disponibilização de recursos de pesquisa e bibliografia na internet que foi possível escrever esse texto. Mas foi através da internet que nos foi possível unir o texto da biografia com seu contexto material, sem os quais jamais seria possível perceber que tipos de relações sociais as produziram e quais relações sociais foram produzidas por elas. Pensamos que há boas perspectivas para democratizar a análise da materialidade mesmo através da rede para o campo da egiptologia. O que se chama de *internet of things* permite que analisemos as relações que as coisas tem entre si, especialmente coisas que não estão juntas fisicamente hoje, mas um dia já estiveram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia original deste trabalho era a de analisar a produção e o uso de determinados recursos por membros da elite administrativa da VI Dinastia. No entanto, com o desenrolar da pesquisa, percebemos que seria necessário voltar um passo atrás para compreender a natureza e algumas das nuances da nossa principal fonte, a autobiografia de um oficial de alta hierarquia. Assim, o problema de pesquisa deslocou-se para um caminho mais metodológico, mais indagativo do que propositivo. Queríamos compreender uma questão básica, mas sem a qual uma biografia de Weni é impossível: como analisar uma autobiografia do Reino Antigo Tardio como fonte histórica, de modo a superar a dicotomia realidade-ficção e a falta de fontes subsidiárias. Encontramos uma resposta através do estudo da materialidade da biografia.

Chegamos, então, a algumas considerações que julgamos relevantes. A primeira delas é que, mesmo que se pretenda ir além do textual, é preciso compreender em detalhes os aspectos formais, simbólicos e o conteúdo da autobiografia. A segunda é que, deixando de lado a busca por validar a verdade descrita no texto, mais relevante é buscar quais seus significados, especialmente levando em consideração a importância do poder criador da palavra e os aspectos religiosos para os antigos egípcios. Por fim, a análise do texto na tumba e de ambos como objeto, num sentido relacional. Trata-se de perceber que a existência da tumba e da biografia de um sujeito na entrada dela existem na medida em que relações sociais as produzem, da mesma forma que a tumba e a escrita biográfica produziram outras relações sociais.

A partir disso, podemos falar em uma análise da biografia de Weni, do documento e da sua trajetória, como elementos indissociáveis. O que queremos dizer é que, diante das condições empíricas, talvez nunca seja possível conhecer o “verdadeiro” Weni, mas é perfeitamente possível desvendar a trajetória de alguém na posição dele, de alguém como Weni, nas condições em que ele viveu. Os elementos ritualísticos e os acontecimentos narrados não podem ser tomados como ponto de chegada, mas como ponto de partida, tomando os silêncios da fonte como igualmente relevantes. Onde está a fronteira para ouvirmos os silêncios? Weni era

humano, traço que, não raro, é subestimado na egiptologia. Humanos sentem fome, sentem frio, sentem calor, são seduzidos pelo poder e quando o possuem, lutam para mantê-lo.

Para além na posição de Weni, que serviu a reis como Teti, Pepi I e Merenra, não bastava apenas constituir grupos e redes de relações, sendo necessário um intenso esforço para manter e expandir essas relações. Isso se deve em especial ao contexto de crise política daquele cenário. Em um quadro onde os reis perdem, aos poucos, as prerrogativas de um poder centralizador, ao passo que governantes locais e altos oficiais vão acumulando poderes, o ingresso em determinados grupos e redes tornava-se também uma experiência de tensão, devido à necessidade de, talvez, estar ao mesmo tempo em redes ou facções antagonistas ou rivais.

Assim, mesmo que o alto funcionário tivesse recursos monolíticos e diversificados, ainda era necessária habilidade política para não ter esse capital deslegitimado na ocasião da ascensão de um rival em potencial. Se os recursos obtidos desse jogo fossem grandes, com redes amplas e complexas, abria a possibilidade maior de sobre vivência à sucessão real e para acumular poderes que mais tarde vão ser legitimados pela tradição, como a hereditariedade. Na ocasião das sucessões reais, caso o sujeito quisesse permanecer com o poder, já deveria ter estabelecido um espaço próprio e constituídos redes duráveis, tanto com o rei, quanto com aqueles que podem vir a sê-lo, de onde poderia atuar com força suficiente para manter objetivados seus recursos a ponto de terminar a vida com uma luxuosa tumba e uma biografia que permitisse que ele vivesse eternamente.

REFERÊNCIAS

FONTE

STRUDWICK, NIGEL. *Texts from the Pyramid Age*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.

BILIOGRAFIA

ALLEN, James P. Some aspects of the non-royal after-life in the Old Kingdom. In: BÁRTA, Miroslav. *The Old Kingdom Art and Archaeology*. Praga, Czech Institute of Egyptology, 2004.

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade: a Literatura no Egito faraônico*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ARRAIS, Nely Feitoza. *Os feitos militares nas biografias do Reino Novo: ideologia militarista e identidade social sob a XVIII Dinastia do Egito Antigo (1550-1295 a.C.)*. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ASSMANN, Jan. The Old Kingdom. In: ASSMANN, J. *The Mind of Egypt: History and Meaning in the times of pharaohs*. New York: Metropolitan Books, 2002.

BAKOS, Margaret M. Homem e habitat. In: BAKOS, M. M. *Fatos e Mitos do Antigo Egito*. 2ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BERLEV, Oleg. O Funcionário. In: DONADONI, S. *O Homem Egípcio*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996. Versão do texto digitalizada para fins didáticos.

CARDOSO, Ciro Flamarion. As unidades domésticas no Antigo Egito. *Cantareira* (UFF), v.3, pp.3-18, 2007.

_____. *Sete olhares sobre a Antiguidade*. 2.ed. Brasília: UnB, 1998.

DAVID, Rosalie. *Religião e Magia no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. The Old Kingdom. In: DAVID, R. *Handbook to life in Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

DOBRES, Marcia-Anne; ROBB, John E. Agency in Archaeology: paradigm or platitude? In: DOBRES, M.; ROBB, J. E. *Agency in Archaeology*. London: Routledge, 2000.

FISCHER, Henry J. *Egyptian Studies III: Varia Nova*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1996.

FOWLES, Severin. People without things. In: BILLE, Mikkel et al (ed). *The Anthropology of Absence: materializations of transcendence and loss*. New York: Springer, 2010.

- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GNIRS, Andrea M. Biographies. In: REDFORD, Donald B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2001. v.1.
- GRIFFITHS, John Gwyn. Osiris. In: REDFORD, Donald B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2001. v.2.
- GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz (org.). *Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008, pp. 85-102.
- GRIMAL, Nicolás. *História del Antiguo Egipto*. Madrid: Akal, 1988.
- HERÓDOTO. *História*. O relato clássico da guerra entre gregos e persas. São Paulo: Ediouro, 2001.
- JOÃO, Maria Thereza David. As Admoestações de Ipu-ur: reflexões sobre a sociedade egípcia do Primeiro Período Intermediário. *Nearco*, (Rio de Janeiro), n.1 v.2, 2009.pp.
- _____. *Dos Textos das Pirâmides aos Textos dos Sarcófagos: a “democratização da imortalidade” como um processo sócio-político*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- _____. *Estado e Elites Locais no Egito do final do III Milênio a.C.*. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- KADISH, Gerald E. Weni. In: REDFORD, Donald B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2001. v. 3.
- KEMP, Barry. *El Antiguo Egipto: anatomía de una civilización*. Traducion castellana de Mónica Tussel. Barcelona: Crítica, 1992.
- LECLANT, Jean. Pepi I. In: REDFORD, Donald B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2001. v.3.
- _____. Pepi II. In: REDFORD, Donald B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2001. v.3.
- LÉVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- _____. *Herança Imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Tradução de Cynthia Marques Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature: the Old and Middle Kingdom*. Berkeley: University of California Press, 1973. v.1.
- LOPRIENO, Antonio. O escravo. In: DONADONI, Sérgio (org). *O Homem Egípcio*. Lisboa: Presença, 1994.
- MAGEE, Daiana. Teti. In: REDFORD, Donald B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2001. v.3.

- MÁLEK, Jaromir. The Old Kingdom (.c2686-2160 BC). In: SHAW, Ian (ed.) *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- MENESES, Ulpiano T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n.115, p.103-107, 1983.
- MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MORENO GARCÍA, Juan Carlos. Consideraciones sobre el papel y la importancia de la familia extensa el la organización social del Egipto em el III milenio antes de Cristo. In: CAMPAGNO, Marcelo (ed.). *Estudios sobre parentesco y Estado en el Antiguo Egipto*. Buenos Aires: Del Signo, 2006.
- MÜLLER, Maya. Afterlife. In: REDFORD, Donald B. (ed.). *The Oxford Encyclopedlia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2001. v.1.
- RICE, Michael. *Who's who in Ancient Egypt*. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2004.
- RICHARDS, Janet. A New Kingdom Figure From the Abydos Middle Cemetery. In: JASNOW, Richard; COONEY, Kathlyn M. *Joyfnful in Thebes: Egyptological Studies in Honor of Betsy M. Bryan*. Atlanta: Lockwood Press, 2015.
- _____. Spatial and verbal rethoric of power: constructing Late Old Kingdom History. *Journal of Egyptian History*, v.3, n.2, 2010, pp.339-366.
- _____. Text and context in Late Old Kingdom Egypt. The Archaeology and Historiography of Weni The Elder. *JARCE*, vol.39, 2002.
- _____. *Weni* [mensagem pessoal]. Recebida em 20 fev. 2017.
- SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.
- SHAW, Ian (ed.) *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- SILVA, Semíramis Corsi. *O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (séc. III d.C.)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014.
- SIMPSON, William Kelly (ed.). *The Literature of Ancient Egypt: an anthology of stories, instructions, stelae, autobiographies, and poetry*. 3ed. New Heaven: Yale University Press, 2003.
- STRUDWICK, Nigel. *The Administration of Egypt in the Old Kingdom*. London: KPI Limited, 1985.
- TILLEY, Christopher. Objetification. In: TILLEY, C.; KEANE, W., et al. *Handbook of Material Culture*. London: Sage, 2006.
- WEEKS, Kent. Archaeology. In: . REDFORD, Donald B. (ed.). *The Oxford Encyclopedlia of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2001. v.1.

WILKINSON, Richard H. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. London: Thames & Hudson, 2003.

ANEXO

Tradução da Autobiografia de Weni feita por Nigel Strudwick das inscrições hieroglíficas para o inglês e a tradução de trabalho que elaboramos para as citações.

Pág	Inglês	Português
352	Top line - Horizontal	Linha Superior - Horizontal
	[An offering which the king gives] ... that invocation offerings may be made for him in every daily festival from the offerings ... [a thousand of bread], a thousand of beer, a thousand oxen, a thousand oryx, a thousand <i>tjerep</i> geese, a thousand <i>te</i> geese, a thousand <i>se</i> geese, a thousand ... geese, a thousand (vases) of alabaster, a thousand [items of clothing (?)] ...	[Uma oferenda que o rei faz] ... que a invocação de oferendas possa ser feita por ele em cada dia de festival de oferendas ... [mil pães], mil cervejas, mil bois/gado, mil orix, mil gansos <i>tjerep</i> , mil gansos <i>te</i> , mil gansos <i>se</i> , mil gansos ..., mil (vasos) de alabastro, mil [peças de tecido (?)] ...
	Introductory Titles (Vertically, Facing the Main Text)	Títulos introdutórios (vertical, de frete para o texto principal)
	[The <i>haty-a</i> , overseer of Upper Egypt,] he who is in the chamber, herdsman of Nekhen, chief of Nekheb, sole companion, the <i>imakhu</i> in the sight of Osiris, foremost of the Westerners, Weni.	[O <i>haty-a</i> , Governador do Alto Egito] ele que está na câmara, pastor de Nekhen, chefe de Nekheb, Único Companheiro, o <i>imakhu</i> aos olhos de Osiris, Primeiro dos Ocidentais, Weni.
	Main Text	Texto principal
	(1) [He speaks:] [I was a youth] who tied the headband under Teti, when my office was that of overseer of the storeroom, and then I became supervisor of the <i>khenty-she</i> of the Great House	(1) [Ele diz:] [Eu era um jovem] que amarou a bandagem na cabeça sob Teti, quando meu ofício era o de superintendente do armazém, e depois me tornei supervisor do <i>khenty-she</i> da Grande Casa
	(2) [I was ...] lector priest and elder of the palace under Pepy (I); his majesty promoted me to the office of companion and supervisor of priests of his pyramid town when I held the office of ... [22]	(2) [Eu fui...] sacerdote leitor e o mais velho do palácio sob Pepi (I); Sua majestade me promoveu para o cargo de companheiro e supervisor dos sacerdotes de sua cidade da pirâmide quando eu ocupava o cargo de...
353	(3) His [majesty promoted me] to judge and mouth of Nekhen, [23] as he preferred me to any of his servants. I heard cases alone (just) with the vizier relating to all secret matters;	(3) Sua [majestade promoveu-me] a juiz e boca de Nekhen, como ele preferia a mim do que qualquer um entre seus servos. Eu ouvi casos sozinho com o Vizir referentes a todos os assuntos secretos;
	(4) I acted in the king's name for the royal harem and for the six great mansions because his majesty preferred me to any of his officials, his nobles, or servants.	(4) Eu atuei em nome do rei para o harém real e para as Seis Grandes Mansões porque sua majestade preferia a mim do que qualquer um entre seus oficiais, seus nobres ou servos.
	(5) When I requested from the majesty of my lord that a sarcophagus of white stone of Tura be provided for me,	(5) Quando eu requisitei à majestade do meu senhor que um sarcófago de pedra branca de Tura fosse providenciado para mim, sua majestade

	his majesty had the seal-bearer of the god and a boat-crew (6) under his command cross over and bring back this sarcophagus from Tura.	“requisitou” um portador do selo do deus e uma tripulação de barco que, (6) sob seu comando, fez a travessia e trouxe o sarcófago de Tura.
	He brought it himself actually in a great barge of the Residence, together with its cover, (7) a false door, an architrave, two jambs, and an offering table. Never before had the like been done for any servant, (for) I was excellent in his majesty’s heart,	Ele trouxe o sarcófago, na verdade, em uma grande barcaça da Residência, junto com a respectiva tampa, (7) uma porta falsa, uma arquitrave, dois batentes e um altar de oferendas. Nunca antes algo semelhante tinha sido feito para qualquer servo, eu era excelente no coração de sua majestade,
	(8) I was rooted in his heart, and his heart was full of me, when I was judge and mouth of Nekhen. His majesty promoted me to be sole companion and overseer of the <i>khenty-she</i>	(8) Eu estava enraizado em seu coração e seu coração estava repleto de mim, Quando eu era juiz e boca de Nekhen. Sua majestade promoveu-me para ser o Companheiro Único e Superintendente de <i>khenty-she</i>
	(9) when four overseers of <i>khenty-she</i> who had been in post (before) were replaced in my favor. I acted in accordance with what his majesty favored when doing guard duty, preparing his way, and standing in attendance. [24]	(9) quando quatro Superintendentes de <i>khenty-she</i> que tinham estado no posto (antes) foram substituídos em meu favor. Eu agi de acordo com o que sua majestade favorecia ao fazer o dever de guarda, preparando seu caminho e de pé no atendimento.
	In all respects I acted (10) in such a way that the king favored me for it above all else. When there was a legal case in secret in the royal harem against the royal wife, the “great of affection,”[25] his majesty had me proceed to hear it on my own.	Em todos os aspectos, eu agi (10) de tal maneira que o rei me favorecia por isto acima de qualquer outro. Quando houve um caso judicial secreto no Harém Real contra a Esposa Real, a “Grande em Afeto”, sua majestade encaminhou-me para ouvir o caso por mim mesmo.
	(11) No vizier or official was present apart from myself [26] because I was excellent, I was rooted in his heart, and his heart was full of me.	(11) Nenhum Vizir ou funcionário estava presente além de mim porque eu era excelente, eu estava enraizado em seu coração e seu coração estava repleto de mim.
	I alone, together (12) with (just) one other judge and mouth of Nekhen put it down in writing, although I was (just) of the rank of overseer of the <i>khenty-she</i> of the Great House; never before had anyone like me heard the secrets of the royal harem, and yet his majesty let me (13) hear (them),	Eu sozinho, junto (somente) com um outro juiz e boca de Nekhen o colocamos em escrita, embora eu fosse (somente) da hierarquia de supervisor do <i>khenty-she</i> da Grande Casa; nunca antes alguém como eu tinha ouvido os segredos do Harém Real e ainda assim sua majestade deixou-me (13) ouvir (os segredos),
354	because I was more excellent in the heart of his majesty than any of his officials, nobles, or servants. When his majesty repelled the Aamu and Sand-dwellers, [27] (14) his majesty put together an army of many tens of thousands, from all of Upper Egypt, from Elephantine north to Medenynt, from Lower Egypt, from all the Delta,	porque eu era mais excelente no coração de sua majestade do que qualquer um de seus funcionários, nobres e servos. Quando sua majestade repeliu o Aamu e os Moradores das Areias, (14) sua majestade montou um exército de muitas dezenas de centenas, de todo o Alto Egito, do norte de Elefantina até o Medenynt, e do Baixo Egito, de todo o Delta,

	(15) from Sedjer, Khensedjer, from Irtjet Nubians, Medjay-Nubians, Iam-Nubians, (16) Wawat-Nubians, Kaau-Nubians and from the Tjemehu. [28]	(15) de Sedjer, Khensedjer, núbios de Irtjet, núbios-Medjay, núbios de Iam, (16) Núbios de Wawat, Núbios de Kaau e de Tjemehu
	His majesty sent me at the head of this army, (17) in which were also these (officials): [29]	Sua majestade enviou a mim como comandante deste exército, (17) no qual estava também estes (oficiais):
	<i>haty-a</i> , seal-bearers of the king of Lower Egypt, sole companions of the Great Mansion, chiefs, estate controllers of Upper and Lower Egypt, companions and overseers of foreigners, (18) overseers of priests of Upper and Lower Egypt, overseers of the workroom in charge of troops of Upper and Lower Egypt and the rulers of their estates and towns, and Nubians of those foreign lands.	<i>haty-a</i> , Portadores do Selo do Rei do Baixo Egito, Companheiros Únicos da Grande Mansão, chefes, controladores de propriedades do Alto e do Baixo Egito, Companheiros e Superintendentes dos Estrangeiros, (18) Superiores de Sacerdotes do Alto e do Baixo Egito, supervisores da sala de trabalho no comando das tropas do Altos e do Baixo Egito e os governantes de suas propriedades e cidades, e núbios dessas terras estrangeiras.
	(19) I it was who was in charge, while being (only) an overseer of the <i>khenty-she</i> of the Great House; this was because of my punctiliousness, so that no one attacked his companion,	(19) Eu era quem estava no comando, enquanto eu era (somente) um superintendente da <i>khenty-she</i> da Grande Casa; isso foi por causa da minha meticulosidade, de modo que ninguém atacou seu companheiro,
	(20) so that no one took bread or sandals from the traveler, so that no one took cloth from any town,	(20) de modo que ninguém tomou pão ou sandálias do viajante, de modo que ninguém tomou ao tecidos de nenhuma cidade.
	(21) so that no one took a goat from any man. I led them from the Island of the North, the Gate of Imhotep, the district of Horus lord of <i>Maat</i> , while I was in this position (22) ... everything.	(21) de modo que ninguém tomou um cabra de nenhum homem. Eu levei-os a partir da Ilha do Norte, do Portão de Imhotep, do distrito de Hórus senhor de <i>Maat</i> , enquanto eu estava nesta posição (22) ... tudo.
	I expanded (?) the numbers of these troops; no servant had done (such) an expansion (?) (before). This expedition returned in peace, [30] having hacked up/ravaged the land of the Sand-dwellers;	Eu expandi (?) o número dessas tropas; nenhum servo tinha feito um expansão (?) (antes). Essa expedição retornou em paz, tendo devastado a terra dos Moradores da Areia;
	This expedition returned (23) in peace, having destroyed the land of the Sand-dwellers; (24) This expedition returned in peace, having pulled down its fortresses; This expedition returned in peace,	Essa expedição retornou (23) em paz, tendo destruído a terra dos Moradores da Areia; (24) Essa expedição retornou em paz, tendo derrubado suas fortalezas; essa expedição retornou em paz,
	having cut down (25) its figs and vines; This expedition returned (26) in peace, having set fire to all its houses;	tendo cortado (25) suas figueiras e videiras; Essa expedição retornou em paz, tendo ateado fogo em todas as suas casas;
355	This expedition returned in peace, having slaughtered the troops there in many tens of thousands; This expedition returned in peace, having brought great numbers of the troops (27) therein away as captives. His majesty favored me for it above all else.	Essa expedição retornou em paz, tendo eliminado as tropas locais em muitas dezenas de centenas; essa expedição retornou em paz, tendo trazido um grande número de tropas (27) de longe como cativas. Sua majestade favoreceu-me por isso acima de tudo.
	(In fact) his majesty sent me to lead this force (28) five times, with these same troops,	(Na verdade) sua majestade enviou-me para liderar essa força (28) cinco vezes, com essas mesmas tropas,

	to drive away the Sand-dwellers each time they rebelled. I acted in such a way that his majesty favored me above all else.	para afastar os Moradores da Areia cada vez que eles se rebelavam. Eu agi de tal forma que sua majestade favoreceu-me acima de tudo.
	(29) It was said that there were insurgents in those foreign lands in the area above Gazelle Nose. [31]	(29) Era dito que havia insurgentes nessas terras estrangeiras acima do Nariz da Gazela.
	So I crossed over (30) in barges with these troops; north of the high lands of the mountain range,	Então eu atravessei (30) em barcaças com essas tropas; ao norte das terras altas das montanhas,
	(31) north of the land of the Sand-dwellers was where I made a landing, while half of the army was still on the road. Only after I had apprehended them all, slaughtering (32) every insurgent among them, did I return.	(31) ao norte da terra dos Moradores da Areia Foi onde eu fiz uma parada, Enquanto metade do exército ainda estava a caminho. Somente depois de eu ter prendido todos eles, Executado (32) todos os insurgentes entre eles, eu retornei.
	When I was in the Great Mansion as an officer and sandal-bearer, the king of Upper and Lower Egypt Merenre, my lord, given life, promoted me (33) to be <i>haty-a</i> and overseer of Upper Egypt, south to the first nome and north to the twenty-second.	Quando eu estava na Grande Mansão como um funcionário e porta-sandálias, o rei do Alto e do Baixo Egito Merenre, meu senhor, dotado de vida, promoveu-me (33) para ser <i>haty-a</i> e Governador do Alto Egito, sul do Primeiro Nomo e norte do Vigésimo Segundo.
	(He did this) because of my excellent standing in the heart of his majesty, because I was rooted in his heart, and because his heart was full of me.	Ele fez isso por causa da minha excelente posição no coração de sua majestade, porque eu estava enraizado em seu coração e porque seu coração estava repleto de mim.
	(34) When I was an officer and sandal-bearer, his majesty favored me more than any of his officials, more than any of his nobles, (35) more than any of his servants, for my watchfulness and for the guard duty I did when I was in attendance. Never had this office been given to anyone of the status of servant before.	(34) Quando eu era um funcionário e Portador do Selo, sua majestade favoreceu-me mais do que qualquer um dos seus funcionários, mais do que qualquer um de seus nobres, (35) mais do que qualquer um de seus servos, pela minha vigilância e para o dever de guarda que eu prestei quando eu estava no atendimento. Nunca esse cargo tinha sido dado a qualquer um de status de servo antes.
	I acted for him as overseer of Upper Egypt in a satisfactory manner so that a man did not do injustice to his companion/equal (by) —(36) carrying out every task; —assessing everything which needed assessing for the Residence in	Eu agi por sua majestade como Governador do Alto Egito de forma satisfatória de modo que um homem não cometeu injustiça a seu companheiro/igual - (36) realizar/realização de cada tarefa; - julgar/julgamento de tudo que precisava avaliação pela Residência no
356	Upper Egypt on two occasions and every regular duty which needed assessing for the Residence in Upper Egypt on two occasions; [32] —carrying out my official duties (37) so as to make my reputation in this Upper Egypt.	Alto Egito em duas ocasiões e todos dever regular que precisava avaliação pela Residência no Alto Egito em duas ocasiões; - Realizar meus deveres oficiais (37) de modo a fazer minha reputação neste Alto Egito
	Never had the like been done in Upper Egypt since ancient times; I acted in all respects so that his majesty favored me for it. His majesty sent me (38) to Ibhath [33] especially to bring back the sarcophagus “Chest of the	Nunca havia sido feito algo semelhante no Alto Egito desde os tempo antigos; Eu atuei em todos os aspectos para que sua majestade me favorecesse por isso. Sua majestade me enviou (38) ao Ibhath especialmente para trazer o sarcófago “Arca do

	Living” [34] and its lid, as well as a costly and noble pyramidion for the pyramid of Merenre, my mistress.	Vivo” e sua tampa, bem como um pyramidion nobre e caro para a Pirâmide de Merenre, minha senhora.
	(39) His majesty sent me to Elephantine especially to bring back a granite false door and its lintel as well as (other) doors and associated elements of granite,	(39) Sua majestade me enviou para Elefantina especialmente para trazer uma porta falsa de granito e seu lintel assim como (outras) portas e elementos de granito associados,
	(40) and also to bring back a granite doorway [35] and lintels, (all) for the upper chamber of the pyramid of Merenre, my mistress. In (just) one expedition consisting of six barges, three transport ships and three eight-oared/ribbed boats did I travel north with (them) (41) to the pyramid of Merenre.	(40) e também trazer uma porta de entrada de granito e linteis, (todos) para a câmara superior da Pirâmide de Merenre, minha senhora. Em (apenas) uma expedição composta por seis barcaças, três navios de transporte e três barcos de oito remos eu viajei ao norte com (eles) (41) para a Pirâmide de Merenre.
	Never had anyone worked before at (both) Ibhat and at (42) Elephantine during the same expedition in the time of any king. Everything which the king had ordered was carried out in line with what his majesty had ordered.	Nunca alguém tinha trabalhado em (ambas) Ibhat e em (42) Elefantina durante a mesma expedição no tempo de qualquer rei. Tudo que o rei ordenou foi realizado em conformidade com o que sua majestade havia ordenado.
	His majesty sent me (43) to Hatnub especially to bring back a great offering table of Hatnub alabaster, and I organized that this offering table was brought down (after) seventeen days of quarrying at Hatnub.	Sua majestade me enviou (43) para Hatnub Especialmente para trazer um grande altar de oferendas de alabastro e eu providenciei para que este altar de oferendas fosse talhado (depois) de dezessete dias das pedreiras em Hatnub.
	I had it travel north in a barge; (44) I made for it (this) barge from acacia wood 60 cubits long and 30 cubits wide, assembled in seventeen days in the third month of the <i>Shemu</i> season.	Eu tive que viajar ao norte em uma barcaça; (44) Eu fiz para isso uma barcaça de madeira de acácia de 60 cúbitos de comprimento e 30 cúbitos de largura, montados em dezessete dias no terceiro mês de estação <i>Shemu</i> .
	Despite there being no (45) water on the sandbanks, I moored successfully at the pyramid of Merenre.	Apesar de não haver (45) água sobre os bancos de areia, eu atraquei com sucesso na pirâmide de Merenre.
	Everything in my charge had come to pass exactly in accordance with the order of the majesty of my lord.	Tudo sob o meu comando havia se concretizado Exatamente de acordo com a ordem da majestade do meu senhor.
	His majesty sent (me) to excavate five canals (46) in Upper Egypt and to make three barges and four transport ships from acacia wood of Wawat,	Sua majestade me enviou para escavar cinco canais (46) no Alto Egito e fazer três barcaças e quatro navios de transporte de madeira de acácia do Wawat.
357	for which the rulers of those foreign lands of Irtjet, Wawat, Iam and Medja (47) cut down the wood. [36]	para que os governantes dessas terras estrangeiras de Irtjet, Wawat, Iam e Medja (47) cortem a madeira.
	I completed this task in the space of one year, including filling (them) with water and the loading of large amounts of granite intended for the pyramid of Merenre.	Eu completei esta tarefa no espaço de um ano, incluindo o enchimento deles com água e o carregamento de grandes quantidades de granito destinados à pirâmide de Merenre.
	I made a saving (?) [37] (48) for the palace because of all these five canals because the <i>bas</i> of the king of Upper and Lower Egypt Merenre,	Eu fiz uma economia (?) (48) para o palácio por causa de todos estes cinco canais porque o <i>bas</i> do rei do Alto e do Baixo Egito Merenre, que ele viva para sempre, são mais nobres, mas eficientes e

	may he live for ever, are nobler, more efficacious and powerful than any god, because everything always comes to pass	poderosos do que qualquer deus, porque tudo sempre veio a se concretizar
	(49) in accordance with the order which his <i>ka</i> decreed. I am one the beloved one of his father,	(49) de acordo com a ordem que seu <i>ka</i> decretou. Eu sou o amado de seu pai,
	the favored one of his mother, (50) the favored one of his brothers, the <i>haty-a</i> , real overseer of Upper Egypt, the <i>imakhu</i> in the sight of Osiris, Weni.	o favorito de sua mãe, (50) o favorito de seus irmãos, o <i>haty-a</i> , o real Governador do Alto Egito, o <i>imakhu</i> aos olhos de Osiris, Weni.